



Administração Eclesiástica

Introdução

Parabéns! Você acaba de receber uma das matérias mais importante deste nosso Seminário Básico de Teologia. O Título que o **IBS** deu a esta matéria se resume no que podemos chamar de: “**Administração Eclesiástica**”, pois o que apresentamos é um manual de instruções que ajudará significativamente o amado seminarista a executar tarefas importantes no campo administrativo Eclesiástico.

Apesar de usarmos os termos: “**Obra de Restauração**” e “**os Batistas**”, a visão aqui não é denominacional, mas selecionamos e consideramos o sistema administrativo mais antigo e organizado da história, pois o sistema de Governo Eclesiástico Congregacional tem resistido séculos na história.

Esperamos que esta matéria lhe seja muito útil na Obra do Senhor e Seu ministério, como de proveitoso vemos os ensinamentos exarados das Escrituras para o servo de Deus que deseja militar bem na boa milícia. (2 Tm 2.15)

*IBS
Instituto Bíblico Sinai*



✓ O Surgimento Da Igreja de Cristo

Não há na Bíblia, um texto que mostre a organização da Igreja como nós a conhecemos hoje. Daí a pergunta: Quando teria surgido ela?

Em Mateus 18.17, a palavra *EKKLÉSIA* não é usada no sentido técnico. A Igreja é um prolongamento da sinagoga judaica, não obstante seu método e economia sejam diferentes. Houve pouca ou nenhuma organização no princípio. Cristo mesmo não organizou a Igreja. Isto foi trabalho dos apóstolos, após o Pentecostes. Contudo, o germe já existia antes. Três pessoas podem constituir uma Igreja e podem administrar as ordenanças.” (E. G. Robinson)

As opiniões divergem quanto à organização da Igreja. Teria sido quando Cristo convocou os primeiros discípulos? Teria sido quando o colégio apostólico estava constituído? Teria sido no dia de Pentecostes? Depois?

Fisher destaca três períodos na vida da Igreja:

- 1) **Pré-natal**. Neste, a Igreja tem a presença corporal de Cristo;
- 2) **A Infância**, quando a Igreja ainda está vivendo como que sob a tutela de Cristo, mas preparando-se para ter uma vida independente;
- 3) **Maturidade**. Neste, a Igreja já tem o seu corpo de doutrinas, já possui oficiais e se mostra apta para dirigir-se.

O grande teólogo Strong é de opinião que a Igreja existia antes do Pentecostes. Deste modo, ele argumenta: “A Igreja existia em germe antes do pentecostes. De outro modo, aqueles que se converteram não podiam ser ‘acrescentados’ a nada (At 2.47) {adicionados}. Entre os apóstolos, regenerados como eram, unidos a Cristo pela fé e nela batizados (At 19.4) sob a instrução de Cristo e empenhados em trabalhos comuns para ele, já havia os começos de organização. Havia um tesoureiro da organização (Jo 13.29), e, como um corpo, celebraram pela primeira vez, a Ceia do Senhor (Mt 26.26-29). Para todos os efeitos e propósitos, constituíam uma Igreja, embora a Igreja não estivesse ainda completamente equipada para a sua obra pelo derramamento do Espírito Santo (At 2) e pela eleição de pastores e diáconos. A Igreja existia sem oficiais, como os primeiros dias subseqüentes ao Pentecostes.”

Realmente, a Igreja existia antes do Pentecostes, porém em forma embrionária. O Dr. Mullins, um magnífico teólogo, expõe: “A Igreja do Novo Testamento surgiu em resultado ao processo vital. Não foi constituída mecanicamente por Jesus, mediante mandamentos formais ou mediante um código legislativo, à maneira do tabernáculo do Velho Testamento. Os primeiros cristãos foram guiados pelo Espírito. A Igreja foi edificada com elementos formais e vitais. O batismo, a ceia e a organização visível eram os elementos formais, e a vida regenerada e o culto e esforços sociais eram elementos vitais. Esses elementos foram empregados um a um, à medida que a Igreja avançava, por uma espécie de integração vital, como as células de um organismo. Nenhum deles achava expressamente prescrito como material para edificar a Igreja. Estavam todos implícitos. O que temos no Novo Testamento é, pois, um processo espiritual construtivo, que se vai desenrolando à nossa vista. É a vida redimida e regenerada, sob a direção do Espírito de Deus, adaptando-se à sua renovada natureza; são os homens salvos exprimindo, de um modo prático, o impulso salvador. Os resultados foram a Igreja e sua ordenanças. Ou, para expressar a mesma verdade numa linguagem um pouco diferente, era o reino de Deus atuando sob um impulso duplo, o do amor que redime e o da própria conservação. A Igreja é, por assim dizer, o expediente para a realização de ambos estes ideais do reino. O reino é como a corrente elétrica no fio telegráfico. A Igreja é como a aparelho na estação aonde a corrente está localizada onde o reino de Deus se manifesta. O reino é como a luz solar percorrendo os noventa milhões de milhas que separam o sol da Terra, a fim de alumiar e abençoar. A Igreja corresponde às flores e frutos que a luz solar cria, para que sua longa jornada não seja inútil. Para que os raios solares não sejam inteiramente desperdiçados, a natureza tem de manifestar-se

de formas concretas e visíveis. Para que a energia do reino não resulte infrutífera, as Igrejas devem reuni-la e reproduzi-la.”

1. A ORIGEM DO TERMO IGREJA

O termo Igreja vem de “*EKKLESIA*”, do verbo “*KALEIN*”, que significa “*CHAMAR*”. Entre os gregos, o termo referia-se a uma assembléia do povo regularmente convocada para algum fim público, com o fito específico de deliberar sobre alguma coisa (At 19.32, 39, 41). É o sentido no grego clássico. Usavam os gregos o termo *sullogos*, que designa também uma reunião. Porém é reunião fortuita, ocasional. O termo *ekklesia*, portanto, foi usado pelos escritores neotestamentários, porque expressa a noção de *convocação*, que se enquadra na finalidade da Igreja de Cristo.

Os hebreus usavam o termo *kahal*, para denotar as suas assembléias. Entre os textos em que aparece o termo, podemos citar Dt 23.1-3, Ne 13.1 e Lm 1.10. A Septuaginta traduziu por *ekklesia* as expressões hebraicas *kahal Israel* ou *kanhal Iahavé*, mostrando que o povo de Israel se apresentava solenemente diante de Deus.

Kahal significa a congregação total de Israel. Outras palavras que traduzem a mesma idéia de *kahal*, mas que ocorrem poucas vezes, são: *edhab*, *sibbur* e *keneseth* (sinagoga). Esta última aparece apenas uma vez.

⇒ **Ekklesia** significa **Congregação, Assembléia**.

Nos Evangelhos, só há três referências à Igreja. Encontra-se em Mateus 16.18 e 18.17.

1.1 O uso do termo Igreja - Cento e quatorze vezes ocorre o termo *ekklesia* no Novo Testamento. Somente cinco vezes o termo aparece com sentido secular, como nos textos de At 7.38; 19.32,39,41; Heb 2.12; 12.23.

Das 109 vezes em que o termo é empregado no sentido cristão, podemos dizer que, referindo-se à Igreja como um grupo de crentes, aparece 95 vezes. Nas outras 14 vezes, o sentido é universal.

1.2 O Reino e as Igrejas - Cumpre distinguir as palavras Reino e Igreja. O Reino sempre existiu antes da Igreja. O Reino é invisível, consiste no domínio de Cristo na vida dos seus súditos. Mas, por ser invisível, o Reino não deixa de ser espiritual, pessoal e social.

Andrews apresenta a seguinte distinção entre o Reino e a Igreja:

- 1) A Igreja começou com Cristo; O Reino começou muito antes;
- 2) O Reino inclui todos os filhos de Deus; a Igreja se confina aos crentes no Cristo histórico;
- 3) O Reino não pertence a este mundo (no que tange às relações etc);
- 4) O Reino é invisível; a Igreja é visível;
- 5) O Reino não tem caráter orgânico; a Igreja é um organismo local.

1.3 IGREJAS, e não “A IGREJA” - O romanismo é o culpado pela concepção, que se arraigou no povo, de “**A Igreja**”, como se só houvesse uma. Para poder fundamentar o dogma do papado, o romanismo ensina que só há uma, a Igreja Apostólica Romana. Que disparate!

A luz do Novo Testamento, no entanto, tal pretensão não acha guarida, pois são muitos os textos que mostram o uso do plural do vocábulo.

Temos referências como: “as Igrejas de Cristo” (Rm 16.16), “as Igrejas de Deus” (I Co 11.16; II Co 1.1; I Tm 3.5), “as Igrejas dos gentios” (Rm 16.4), “as Igrejas dos santos” (I Co 14.33), “as Igrejas da Macedônia” (II Co 8.1), “as Igrejas na Judéia” (Gl 1.22), “as Igrejas da Galácia” (Gl 1.2), “as Igrejas da Ásia” (I Co 16.19).

Escrevendo aos gálatas, Paulo diz: “Depois fui para as regiões da Síria e da Cilícia. Não era conhecido de vista das Igrejas de Cristo na Judéia” (Gl 1.21,22).

De romanos 16.5-15, depreende-se que mesmo em Roma havia várias Igrejas. Uma série na casa de Áqüila e Priscila e outras partes da cidade.

Não fora do costume o uso do plural (Igrejas), e o autor do Apocalipse não teria escrito suas famosas cartas “às sete Igrejas que estão na Ásia” (Ap. 1.4).

1.4 A Igreja e seus nomes - As Igrejas receberam nomes de acordo com o lugar que estavam localizadas. Desta maneira encontramos referências à Igreja de Antioquia (At 13.1; 14.26; 15.3), à Igreja de

Jerusalém (At 8.1; 11.22; 15.4), à Igreja de Cencréia, que ficava num subúrbio de Corinto (Rm 16.1), à Igreja de Éfeso (At 20.17), à Igreja de Esmirna (Ap. 2.8), à Igreja dos Laodicenses (Cl 4.16), à Igreja dos Tessalonicenses (I Ts 1.1; II Ts 1.1).

1.5 A organização das Igrejas - As Igrejas eram organizadas segundo os princípios que encontram expostos no Novo Testamento. Elas eram organizadas para funcionarem como agências do reino de Deus.

Muitas Igrejas foram organizadas em casas particulares. Na casa do excelente casal Áquila e Priscila existiu uma Igreja. Paulo não se esqueceu de mandar suas palavras de saudação à mesma. Por isso escreveu: *“Saudai também a Igreja que está na casa deles.”* (Rm 16.5). Também na casa de Gaio existia uma Igreja (Rm 16.23). Escrevendo aos Colossenses, Paulo envia saudações à muitos e, principalmente, a Ninfas e à Igreja que está em sua casa (Cl 4.15). Escrevendo a Filemom, ele faz também referência à Igreja que reúne em sua casa. (Fm 2).

2. A IGREJA E A SUA MISSÃO

Qualquer entidade, quando se reúne e se organiza, se propõe a realizar um trabalho, uma tarefa um objetivo. Porém a Igreja não é qualquer entidade, mas a suprema entidade, a sublime organização que nosso Senhor se dignou de organizar com o fim de propagar os seus ideais salvíficos e promover os fins do reino de Deus.

A Igreja de Cristo, como organismo espiritual, realiza funções básicas que lhe dão vitalidade. Essa vitalidade espiritual surge em decorrência das funções basilares e essenciais que ela executa, tais como adoração, evangelização, educação e ação beneficente, esta expressa, principalmente, no serviço social, tão descuidado por maioria de nossas Igrejas, que colocam em seu orçamento uma quantia ínfima para a realização dessa importante missão da Igreja- atendimento à obra de assistência social, que é o texto ácido para muitos crentes que só lêem e ouvem a Parábola do Samaritano, mas não conhecem nem praticam o amor do samaritano.

A adoração é a relação vertical da criatura com Deus. É o culto, é o íntimo sublimar-se, é o contato da alma com o criador, objetivando seu crescimento espiritual. Jesus declarou à mulher samaritana, junto ao poço de Jacó: *“ mas a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque o Pai procura a tais que assim o adorem ”* (Jo 4.23).

A adoração a Deus, o culto que lhe presta, não estará completo, eficiente, eficaz, se o crente não buscar a relação horizontal, que é, justamente, a proclamação do amor de Deus (de que ele se nutre na adoração) ao seu próximo. O moço rico cultuava a Deus, respeitava os seus mandamentos e era, perante a lei, irrepreensível. Mas o culto que prestava parecia querer atender unicamente à posição vertical. Por isso, Jesus o encaminhou ao culto prático para que ele pusesse o seu amor em ação, distribuindo com os pobres seus bens (Mt 19.16-24). Jesus queria que o moço já aprendesse que o verdadeiro culto tem em mira a cruz, que mostra as duas dimensões, as duas coordenadas eternas: a vertical (Deus descendo ao calvário para perdoar o homem pecador) e a horizontal (Jesus amando o pecador, morrendo em seu lugar). Essas duas dimensões colocadas juntas formam a cruz (✝), o emblema do amor. A adoração do moço rico só queria atingir a coordenada, a dimensão vertical, como fez o fariseu, no templo, que desprezou o seu próximo, o publicano, que, ao fundo do templo, humilde, se mantinha em atitude penitencial (Lc 18.9-14).

A adoração verdadeira envolve o culto interno e oculto externo. Este é prático, dinâmico.

3. A SOBERANIA DE CRISTO

As Igrejas na Obra da Restauração e as Igrejas Batistas não se fundamentaram em credos, embora reconheçam neles valor, mas se fundamentam na absoluta Soberania de Cristo. Nossa base é: **“Jesus Cristo é Senhor”** (Fp 2.10,11). Ele é o cabeça da Igreja. A Igreja, que é o seu corpo, se subordina a Cristo; a mais ninguém.

3.1 A autoridade e a suficiência da palavra de Deus - As Igrejas na Obra da Restauração aceitam o Novo Testamento como sua única regra de fé prática. Nós não apelamos para qualquer autoridade eclesiástica, em matéria de doutrina ou prática, mas unicamente fazemos a pergunta escriturística: **“Que diz a Escritura?”** (Rm 4.3). Só nos baseamos no que a Bíblia ensina. Ir, além disso, é trair a Cristo. Conhecer a

Bíblia encarná-la e aplicá-la à vida pessoal é dever de cada crente. Nenhuma autoridade religiosa, por mais competente que seja, pode tomar o lugar da autoridade que é a Palavra de Deus revelada na Bíblia.

3.2 A competência de cada alma - Crêem os irmãos da Obra da Restauração que cada pessoa é competente para aproximar-se de Deus, não necessitando de intermédios humanos, pois a Bíblia diz: *“Porque há (...) um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem”* (1Tm 2.5). Esta doutrina condena o batismo infantil, a crença por procuração etc, e se coaduna com a Bíblia, que diz: *“(…) cada um de nós dará conta de si mesmo a Deus”* (Rm 14.12). Alguns inventaram a doutrina da transferência ou procuração, pela qual alguém pode, na terra, interceder pelo homem junto a Deus e perdoá-lo. Isso é invenção. Cada crente é, perante Deus, o seu próprio sacerdote, não necessitando de intermediário, que não seja Cristo.

4. A IGREJA SE COMPÕE DE PESSOAS CONVERTIDAS

O requisito essencial para que alguém se torne membro de uma Igreja, é a sua regeneração. O Novo Testamento nos ensina que os membros das Igrejas primitivas ouviam as boas – novas, arrependiam-se dos seus pecados, de bom grado aceitavam a Palavra de Deus, sendo batizados e tornando-se membros da Igreja: *“E cada dia acrescentava-lhes o Senhor os que iam sendo salvos”* (At 2.47).

5. A IGREJA É UMA DEMOCRACIA

Todos os membros de uma Igreja têm os mesmos privilégios, os mesmos direitos e as mesmas responsabilidades. A Igreja é que julga os seus próprios atos estando sujeita unicamente a Cristo.

6. A LIBERDADE RELIGIOSA

A liberdade tem sido um troféu dos cristãos através dos séculos. A sua luta tem sido notável. George Bancroft assim se refere: *“A liberdade de consciência, a liberdade absoluta, foi, desde o princípio, um troféu dos crentes.”*

A primeira pura democracia do mundo foi organizada por Roger Williams, em 1643. Ele viera da Inglaterra para a Nova Inglaterra, em busca de liberdade religiosa, porque em sua pátria havia muita intolerância em matéria de religião.

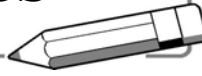
Antes de Roger Williams, já tinham ido para a Nova Inglaterra puritanos que buscavam a mesma liberdade que ele. Porém, tendo chegado à Nova Inglaterra em 1631, Roger Williams logo teve que enfrentar o mesmo problema, porque os puritanos adotavam o princípio de uma Igreja oficial do Estado. Como se opusesse tenazmente a esta doutrina política, Roger Williams foi preso, julgado pelo tribunal de Boston e condenado ao desterro em 1635.

Roger Williams não desanimou e, em 1638, fundou uma colônia em Rhode Island, que recebeu o significativo nome de Providencie. Os fundadores da nova colônia, que viria a manter a liberdade religiosa e de consciência para todos, assinaram o seguinte pacto:

“Nós, cujos nomes estão abaixo assinados, querendo habitar na cidade de Providencie, prometemos submeter-nos em obediência ativa e passiva a todas as ordens das agências que se estabelecerão para o bem público da corporação, da ordem, pelo consentimento da maioria dos habitantes presentes, chefes de família, incorporados na municipalidade, e tais outros que admitirão na mesma, somente em coisas civis.”

Coube, pois, a Roger Williams, um batista, fundar o primeiro governo do mundo com o princípio de liberdade para todos.

EXERCÍCIOS



1. Comente sobre a origem do termo *Igreja*:

R: _____

2. Mencione o requisito principal para que alguém se torne membro de uma Igreja:

R: _____

3. De que forma vemos a Democracia na Igreja?

R: _____



✓ Requisitos para Ser membro de uma Igreja

Três são os requisitos que qualquer pessoa precisa preencher para ingressar numa Igreja: espiritual, social e formal.

1. REQUISITO ESPIRITUAL

O candidato deve dar provas de que realmente foi regenerado pelo poder de Deus. Ele precisa ser convertido, e não somente convencido. A mensagem de João e de Cristo era: “Arrependei-vos” (Mt 3.2), mudai de mente, de pensar.

2. REQUISITO SOCIAL

É preciso que o candidato à membresia ou a membro da Igreja se apresente perante esta mostrando desejoso de entrar no seu rol. Após o exame, que será feito publicamente, concorrente à sua crença, à sua fé, a Igreja decidirá sobre sua aceitação ou não. Toda pessoa é livre para pertencer ou não à Igreja, como a Igreja também é livre para aceitar ou rejeitar qualquer candidato ao batismo.

Na aceitação de um novo membro exige-se unanimidade. Se houver um voto contrário, o candidato não será aceito. Se o oponente à aceitação do candidato não tiver razão para impugnar a entrada do postulante a membro da Igreja, esta pode desprezar o seu voto e aceitar o candidato, não deixando, porém, de exortar o oponente quanto à sua atitude.

3. REQUISITO FORMAL

A Obra da Restauração não é ritualista. Têm apenas duas ordenanças. Se elas podem ser consideradas como ritos, então o neoconverso, para filiar-se à Igreja, precisa preencher o requisito ritual ou formal, isto é, precisa submeter-se ao batismo, como o fez Jesus (Mt 3.13-17).

4. OUTRAS MANEIRAS DE FILIAR-SE À IGREJA

As Igrejas na Obra da Restauração adotam ainda outras maneiras de admissão em seu rol de membros:

4.1 Carta De Transferência - Um crente, quando se muda de uma cidade para outra, ou mesmo de lugar na mesma cidade, deve, para pertencer a outra Igreja, solicitar a sua Carta de Transferência. Esta regula o intercâmbio de membros entre as Igrejas.

A carta de transferência deve ser mandada diretamente à Igreja solicitante, a fim de evitar-se a anomalia de crentes receberem cartas de transferência e ficarem com elas no bolso. É um erro que deve ser evitado.

A principal razão por que um membro não deve levar a sua carta de transferência em mãos é esta: ele pode acostumar-se com ela no bolso e ficar visitando Igrejas aqui e ali, como e quando desejar. A Igreja não terá mais qualquer controle sobre sua vida espiritual. Ele poderá ir perdendo a espiritualidade, deixará de dar o dízimo e sua vida poderá ir se esfriando na fé e ir adquirindo hábitos mundanos, principalmente quando se mudam do interior para as grandes metrópoles.

Por que deve a carta de transferência ser enviada diretamente à Igreja à qual o membro pretende filiar-se?

A carta de transferência regula o intercâmbio fraternal entre as Igrejas da mesma fé e ordem. A carta de transferência é um método de cortesia entre as Igrejas. A carta de transferência não pertence ao membro, mas à Igreja.

Qualquer membro, em plena comunhão com a Igreja, tem o direito de solicitar sua transferência para outra Igreja da mesma fé e ordem quando julgar conveniente, e a Igreja tem o dever de enviar à Igreja à qual o membro deseja se unir a carta de transferência, que é o documento que o apresenta à coirmã como crente que tem estado em plena comunhão com ela até aquela data. A carta de transferência não passa de uma recomendação, de um atestado de idoneidade moral e espiritual, para que o crente seja aceito noutra Igreja da mesma fé e ordem.

4.2 Reconciliação - Uma Igreja aceita, por reconciliação, a pessoa excluída quando verifica que, de fato, está plenamente restaurada e que nada há que impeça de voltar à comunhão.

4.3 Declaração ou aclamação - Esta forma de recebimento de membro de Igreja só empregada em casos essencialíssimos, como, por exemplo, quando uma Igreja já se dissolveu ou quando, após solicitar, por mais ou menos um ano, a carta de transferência a alguma Igreja que se ache localizada em lugar bem distante, não obtiver nenhuma resposta.

5. CANCELAMENTO DE MEMBROS

O cancelamento de membros do rol de membros pode ser quando ocorrer um dos casos seguintes:

5.1 Por exclusão. A exclusão demonstra que a Igreja zela pelo seu corpo e tem uma disciplina bíblica.

5.2 Por morte. Ao morrer, o crente deixa de pertencer à Igreja militante aqui na terra e vai incorporar-se à Igreja celestial.

5.3 Por transferência para outra Igreja da mesma fé e ordem.

6. O QUE A IGREJA DEVE A SEUS MEMBROS

Amor – Todos os membros de uma Igreja devem se amar mutuamente.

Oração – Deve os crentes se aplicar à oração intercessória.

Instrução – A Igreja foi constituída para ensinar e doutrinar aqueles que dela fazem parte.

Fortalecimento e compreensão – Cada crente está sujeito a falhas. Por isso, a Igreja deve tratar o irmão com brandura e ajudá-lo a fortalecer-se na fé.

Auxílio – Os membros da Igreja devem se auxiliar mutuamente nas doenças, nas dificuldades financeiras etc.

Laços de Fraternidade – A Igreja deve se preocupar em manter e desenvolver os laços da unidade entre seus membros (Rm 12.18; 14.19; Ef 4.3; 1Ts 5.13).

7. O QUE UM MEMBRO DEVE À SUA IGREJA

Entre as responsabilidades e deveres do crente para com sua Igreja, destacamos os seguintes:

Lealdade – O membro deve ser leal a sua Igreja a que pertence, não deixando de cooperar com seus trabalhos.

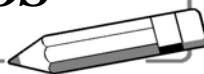
Generosidade – O crente deve ser um contribuinte generoso, indo além dos dízimos.

Serviço – O membro de Igreja deve ser laborioso e infatigável, pois deve estar empenhado na realização do maior e melhor serviço do mundo.

Amor – Eis a chave do sucesso da vida do crente e da Igreja. Impulsionado pelo legítimo amor, o crente terá uma Igreja poderosa.

Oração – O crente deve manter uma vida de oração em favor da Igreja, dos perdidos e de si próprio.

EXERCÍCIOS



1. Como é realizado pelo requisito espiritual para se receber um novo membro à Igreja

R: _____

2. Como se dá o processo de reconciliação de uma pessoa que foi excluída?

R: _____

3. Em que ocasião é possível o cancelamento de membros do rol de membros?

R: _____

4. Quais as responsabilidades e deveres do crente para com sua Igreja?

R: _____



✓ Forma de Governo Da Igreja e como Organizá-la

1. FORMA DE GOVERNO DA IGREJA

Durante os séculos, surgiram várias formas de governo de uma Igreja, mas todas elas carecem de base bíblica. Vejamo-las:

1.1 O Tipo Monárquico – Este é o tipo de governo seguido pela Igreja Romana. Aceita como seu chefe supremo o Papa, que, falando *ex-cathedra*, é infalível. Pobre infalibilidade! As decisões são tomadas pela hierarquia e o povo só tem que ouvir e obedecer. É famosa a frase *Roma locuta est, causa finita est*, isto é, Roma falou, está falado.

1.2 O Tipo Episcopal – Várias denominações adotam este tipo de governo. É o bispo que tem a autoridade de administrar todas as coisas na Igrejas. As denominações principais que adotam este tipo de governo são Episcopal e a Metodista.

1.3 O Tipo Oligárquico – Um grupo, uma elite, controla toda a congregação. Os membros não se pronunciam sobre os assuntos que cabem a discutir. São os presbíteros que governam a Igreja.

1.4 A Forma Bíblica – As Igrejas Obra da Restauração adotam a forma de governo congregacional, que é encontrada na Bíblia. À congregação cabe o direito de gerir os seus negócios dentro da pura democracia. Ninguém é chefe. Ninguém manda. Em suas relações para com Deus, a Igreja é uma teocracia. Em suas relações para com os membros, é uma democracia. São os crentes que decidem em assembleias, respeitam a decisão da maioria e aceitam a decisão da Igreja como a ação final.

Todos os membros têm direitos iguais. Os oficiais eleitos pela Igreja apresentam-lhe relatórios de suas atividades quando solicitamos e todos podem opinar sobre eles.

2. FUNÇÕES CONGREGACIONAIS DA IGREJA

A Igreja como uma congregação aceita e elimina membros de sua comunhão através do voto. Em II Cor. 2.6,7, temos uma prova de como a Igreja executava a sua disciplina. Pelo voto da maioria, foi excluído um membro da comunhão. Com sabedoria Paulo, verificando que o excluído se arrependera, exorta a Igreja a perdoar-lhe a ofensa e a restaurá-lo.

2.1 É a Igreja quem decide. - Não é um grupo. É a congregação reunida que vota, decide e julga. A Igreja é o juiz de seus membros. Não há nenhuma outra corte de apelação. Ela é a última. Jesus declarou, enfaticamente: “*Tudo quanto ligares na terra será ligado no céu; e tudo quanto desligares na Terra, desligado será do céu*”. (Mt 18.18).

Quando os apóstolos sugeriram aos crentes que escolhessem homens para cuidarem da obra, eles procederam como lhes foi sugerido e escolheram, pelo voto, os sete varões que ficara conhecido como os primeiros diáconos. (At 6.2-5).

3. AS FUNÇÕES DO GOVERNO

Na Igreja existem as três funções: Legislativa, Executiva e Judicial. A função legislativa, nas Igrejas, compete só a Cristo. Seus ensinamentos estão contidos em o Novo Testamento. É ele o único capaz de legislar para suas Igrejas.

A função executiva é exercida pelo ministro, que, investido de autoridade que a Igreja lhe outorgou, com a imposição das mãos, realiza todos os atos oficiais e preside os trabalhos em geral. Quando a Igreja toma deliberações congregacionais, ela está também exercendo a autoridade executiva.

À Igreja compete a função judicial. É ela que admite e demite membros, quem julga faltas dos membros e quem reconcilia os eliminados que se restauram. Toda autoridade judicial compete somente a ela.

4. DISCIPLINA ECLESIAÍSTICA

Nos tempos apostólicos a disciplina eclesiástica era muito rígida, haja vista o caso de Ananias e Safira e do incestuoso de Corinto, além de outros (At 5.1-11; I Co 5.1-6).

Três são as leis que devem orientar a vida dos discípulos: A lei do amor; A lei da confissão de faltas; e A lei do perdão.

O mestre exortou-nos que devíamos amar uns aos outros (Jo 15.12), que devíamos confessar as nossas faltas antes de quisermos prestar-lhes culto (Mt 5.24,25) e que perdoássemos aos que nos ofendem (Lc 17.3,4).

Há duas espécies de ofensas: Ofensas particulares e Ofensas públicas. As ofensas particulares devem ser tratadas de acordo com o que Jesus disse em Mt 5.23,24; 18.15,16. No primeiro passo bíblico referido, Cristo disse: *“Portanto, se estiveres apresentando a tua oferta no altar, e aí lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa ali diante do altar a tua oferta, e vai reconciliar-te primeiro com teu irmão, e depois vem apresentar a tua oferta”*. Já no segundo passo bíblico apresentado, Jesus declara: *“Ora, se o teu irmão pecar, vai, e repreende-o entre ti e ele só; se te ouvir, terás ganho teu irmão; mas se não te ouvir, leva ainda contigo um ou dois, para que pela boca de duas ou três testemunhas toda palavra seja confirmada.”* Quanto as ofensas públicas o modo de tratá-las se encontra em I Cor. 5.3-5 e em II Tes. 3.6. O incestuoso de Corinto não poderia ficar na Igreja, participando da comunhão. Isso seria uma aberração. Deixar no seio da Igreja um membro que cometeu tal ofensa pública seria comprometer o seu caráter. Por isso, Paulo escreveu: *“Eu, na verdade, ainda que ausente no corpo, mas presente no espírito, já julguei, como se estivesse presente, aquele que cometeu este ultraje. Em nome de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, seja entregue a satanás para destruição da carne, para que o espírito seja salvo no dia do Senhor Jesus.”* Mas a norma da Igreja é bem rígida. E só assim poderia ser mantida a pureza nas Igrejas. Escrevendo aos tessalonicenses, Paulo exorta-os: *“Mandamo-vos, irmãos, em nome do Senhor Jesus Cristo, que vos aparteis de todo irmão que anda desordenadamente, e não segundo a tradição que de nós recebestes”* (II Tes 3.6).

4.1 A Disciplina Formativa- O neo converso entra para a Igreja como uma criança entra para a escola. Precisa de tudo: apoio, cuidado, instrução e amor. Os crentes recebem a disciplina formativa através das pregações, exortações, do estudo, através da escola bíblica dominical, da União de treinamento, etc. Esta disciplina tem a finalidade de formar o caráter dos crentes. Pecam as Igrejas que não propiciam esse tipo de disciplina aos seus membros.

4.2 A Disciplina Corretiva- Todos os crentes estão sujeitos a falhas. Quando alguém incide em algum erro ou em algumas falhas, deve ser corrigido. Paulo expõe esta obrigação nestas palavras: *“Irmãos, se um homem chegar a ser surpreendido em algum delito, vós que sois espirituais corrigi o tal (...)”* (Gl 6.1).

Ao aplicar a disciplina correcional, a Igreja deve fazê-lo com mansidão e brandura. Alguns crentes, quando compõe uma comissão para falar com um irmão faltoso é de superioridade, e, às vezes, meio farisaico. Paulo recomenda que aquele que foi surpreendido nalguma ofensa seja encaminhado pelos “espirituais” com espírito de mansidão. E Paulo vai além dizendo: *“... e olha por ti mesmo, para que também tu não sejas tentado”*(Gl 6.1).

Alguns crentes não podem fazer parte de uma comissão de membros, porque só pensam em olhar para o “argueiro no olho do teu irmão”. Mas Jesus diz: *“Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro*

do teu olho, quando tens a trave no teu? Hipócrita! Tira primeiro a trave do teu olho; e então verás bem para tirar o argueiro do olho do teu irmão” (Mt 7.4,5).

Há muitos pecados que devem ser corrigidos. Alguns não parecem de grande dano e, no entanto, causam grande embaraço à Obra do Senhor. Um deles é a avareza: Paulo exorta: “*Mas a prostituição, e toda impureza ou avareza, nem ainda se nomeie entre vós, como convém a santos*”(Ef 5.3). Escrevendo aos colossenses, Paulo afirma que avareza é idolatria (Cl 3.5). Ora, o Reino de Deus requer um coração largo. A avareza produz um coração fechado. O espírito de avareza está ligado à idolatria, porque o homem faz de seu dinheiro o seu deus e não vê a Causa, não vê o progresso do Reino de Deus.

Outro pecado grave que precisa ser corrigido é o da maledicência. Tiago profliga ardorosamente este pecado (Tg 3.1-11). Compara a língua a um fogo. Há crentes incendiários. Com a língua incandescente pelo fogo da maledicência, provocam uma fogueira na Igreja, que só a muito custo é apagado. Há muitos vivos-mortos, pois foram mortos moralmente por alguns maledicentes.

Outros pecados, como o espírito faccioso, a inveja, o orgulho, o mundanismo, etc., precisam ser corrigidos. Não pode haver complacência.

4.3 A Disciplina Cirúrgica - Os médicos amputam as partes do corpo que estão prejudicando. É melhor perdê-las do que deixar que todo o corpo fique deteriorado. O mesmo ocorre com a Igreja. Ela é um corpo, e se um membro está sendo um perigo para a sua saúde espiritual, deve ser cortado. Quando os pecados trazem escândalo e ofensas públicas à moral, a Igreja não deve mostrar complacência. Excluir é o caminho. Aplicando a disciplina, a Igreja demonstra que ama o irmão e não pactua com o pecado.

5. COMO ORGANIZAR UMA IGREJA

5.1 Do método - Evitar, o quanto possível, organizar em Igrejas de grupos facciosos. Evitar insinuar ou mesmo orientar a se organizar em Igrejas, congregações, pontos de pregação, membros esparsos de outras Igrejas, etc. Igrejas sem pastor e que desejam promover a organização em Igreja de alguma congregação sua devem convidar um obreiro experiente para orientá-los. A organização da Igreja pode se verificar quando uma congregação já se acha bem doutrinada e tem capacidade administrativa e econômica para se dirigir.

5.2 Do concílio – Sua convocação - Um concílio não tem outra responsabilidade que a de dar conselhos a uma Igreja e é compostos de Igrejas. Para se proceder à convocação de um concílio, os seguintes passos são aconselháveis: Escrever cartas às Igrejas vizinhas, convidando-as a se fazerem presentes para a formação do concílio. Na carta devem estar claros o nome da congregação, o local, a data e a hora. Publicar um edital ou convocação nos órgãos regionais, no estadual ou no nacional, com as mesmas informações acima. A Igreja que se quiser fazer representar pode convocar uma sessão extraordinária (caso não haja tempo de esperar a sessão regular) e nomear o seu pastor (se o tiver) e outros membros para representar no concílio convocado. Deverão ir munidos de uma carta assinada pelo pastor e pelo secretário, declarando que foram nomeados pela Igreja para tomarem parte no dito concílio.

5.3 Sua constituição e atribuições - Constituirão o concílio membros de Igrejas que estejam credenciados. As Igrejas representadas, após a abertura, escolherão o presidente, o secretário, o examinador geral (ou examinadores), o responsável pela oração de organização, o responsável pela leitura do pacto, o responsável pelo sermão à novel Igreja. O secretário do concílio procederá, então, à chamada dos membros organizados. Estes poderão responder simplesmente presente ou com um versículo bíblico. O presidente concederá a palavra ao examinador, para realizar a sua tarefa. Será sempre bom que os organizadores se sentem juntos em um lado do templo bem na frente. O exame deverá versar principalmente sobre os seguintes assuntos:

a) - Conceito de Igreja: a natureza congregacional de uma Igreja;

b) – Ministro: governo, ordenanças e o código de uma Igreja; requisitos para admissão em uma Igreja, métodos de admissão e demissão, dependência e interdependência de uma Igreja, disciplina, etc.

Se a congregação não souber responder às perguntas sobre os tópicos citados, melhor será aconselhá-la a adiar a organização. Feito o exame, o presidente submete o assunto à apreciação de concílio, a fim de que os conciliares se manifestem se recomendam ou não a organização. Se for possível, sergui-se-ão as

demais partes. Tendo o concílio votado aprovar a organização da congregação em Igreja, o presidente transmite aos organizadores essa decisão e indaga deles se ainda persistem no desejo de se organizarem em Igreja. Sendo afirmativa a resposta, o presidente, após proposta aprovada, declarará, em nome da Trindade, organizados em Igreja os ditos irmãos e convidará para fazer a oração consagratória a pessoa que tiver sido escolhida para isso. Poderá haver um hiato no concílio, se o grupo quiser escolher nesse mesmo dia o nome para a Igreja, sua diretoria ou somente o pastor. O presidente declarará suspenso, por alguns minutos, os trabalhos do concílio, enquanto a parte referida é realizada. Minutos depois, o presidente reabrirá os trabalhos. Ouve-se o discurso de entrega da Bíblia. Deve ser breve, porém pensando. Procede-se à leitura do pacto das Igrejas, estando os componentes da novel Igreja de pé e acompanhando a leitura. Finda a mesma, o presidente do concílio perguntará se aqueles irmãos estão dispostos a cumprir fielmente aquele pacto. Aqui, ou no final do programa, poderá ser cantado o hino “O Estandarte” (nº 456 do Cantor Cristão). Segue-se o sermão. Há casos em que é nomeada uma pessoa para dar conselhos à recém-organizada Igreja, além daquela que deverá entregar o sermão oficial. Entretanto, uma só poderá ser suficiente, pois a escolhida pelo concílio deve ser capacitada para proferir sermão que atinja as finalidades do momento. Finda esta parte, o presidente declarará dissolvido o concílio. Com música por um conjunto, pelo coral ou pela congregação, e com os agradecimentos de praxe e a bênção apostólica, encerram-se os trabalhos.

6. ROTEIRO PARA ORGANIZAÇÃO DE UMA IGREJA

Abertura Preliminar

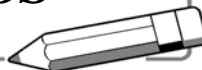
Organização do concílio (Cânticos, Oração, Leitura Bíblica, Oração).

O secretário da Igreja fará a chamada das Igrejas representadas. Verificando o número de Igrejas representadas e o número de mensageiros, o pastor fará comunicação do fato ao plenário. Será apoiada proposta para a organização do concílio. Será eleita a diretoria do concílio, dela constando os seguintes cargos e procedimentos: Presidente, Secretário, Examinador, Oração em favor da organização, Leitura de pacto, Entrega da Bíblia, Sermão oficial, O secretário fará a chamada dos irmãos portadores de carta de transferência, O examinador realizará a sua parte, Outros pastores, diáconos e quaisquer irmãos poderão, se o quiserem, fazer perguntas à congregação, O coro cantará, Finda esta parte, de acordo com a palavra do examinador, o presidente ouvirá a decisão do concílio, aprovando ou não a organização que acaba de ser examinada, O presidente transmitirá aos meus irmãos organizandos a decisão do concílio, Se esta for favorável, perguntar-lhe-á ainda em querer se organizar em Igreja. Após a proposta apoiada, o presidente declarará organizados em Igreja, Após a proposta apoiada, o presidente declarará organizados os irmãos, em nome da Santa Trindade, e chamará para orar a pessoa para isso escolhida, O coro cantará.

6.1 Um hino do concílio - O Presidente declarará suspensos, por alguns minutos, os trabalhos do concílio, enquanto a nova Igreja escolhe sua diretoria, ou, se assim quiser, somente o seu pastor.

6.2 Reabertura dos trabalhos do concílio - Ouve-se o discurso de entrega da Bíblia, A leitura do pacto da Igrejas, O sermão é entregue à novel Igreja.

EXERCÍCIOS



1. Cite as formas de governo que durante os séculos surgiram na Igreja:

R: _____

2. Mencione os três tipos de disciplina eclesiástica que é utilizado para alinhamento da Igreja:

R: _____



A Igreja e o Culto

O CULTO é tão antigo como o homem. Vemo-lo no Éden. Caim e Abel nos dão mostras dos dois tipos de adoradores; aquele é ritualista, este é prático; aquele é hipócrita, este é o sincero; aquele é adorador por tradição, este o é de coração. Estes dois tipos ainda existem.

A respeito do culto formalista falam muito os profetas. O profeta Isaías, por exemplo, profiga os erros daqueles que cultuavam a Deus só de lábios.

A mulher samaritana perguntou a Jesus onde era o lugar em que se devia adorar a Deus. Muitos estão presos a Lugares, a marcas, a tradições. Mas Deus é imensurável. Não tem, fronteiras. É o Deus do culto, pois “habita no meio dos louvores”. O culto pode ser prestado no fundo dos mares, nas altas montanhas, nas maiores alturas, nos aviões, nos foguetes, na Lua, etc. Respondendo à mulher samaritana, Jesus afirmou: “Mas a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em Espírito e em verdade; porque o Pai procura a tais que assim o adorem” (Jo 4.23).

Mas o culto foi degenerando a tal ponto de haver homens que prestavam “culto aos anjos” (Cl 2.18) e culto aos demônios. (Rm 12.1).

1. O Culto é como uma gota de orvalho em busca do oceano do amor divino.
2. É uma alma faminta diante do celeiro espiritual.
3. É uma terra sedenta clamando por chuva.
4. É uma ovelha tresmalhada no deserto, balindo em busca do Bom Pastor.
5. É um coração faminto em busca de amor.
6. É a alma buscando a sua contra parte.
7. É o filho pródigo correndo para a casa do seu pai.
8. É o homem subindo as escadas do altar de Deus.
9. É a vela no ato de ser acesa.
10. É a alma do poeta extasiada diante do pôr-do-sol. Segundo Blackwood, o culto é a resposta do homem à revelação de Deus. O culto é honra, reverência e louvor que a criatura dedica à divindade.

No A. T. , há várias palavras usadas para o culto: 1. *Chatah* – inclinar (Ex 4.31). 2. *Shàhah* – prostrar-se (Gn 19.1; Js 23.7). 3. *Ebed* – trabalho, labor, serviço (II Rs 10.19-21). 4. *Azeb* - Adoração (Jr 44.19). No N. T. Aparecem cinco palavras para culto: 1. *Prokunéo* – Adoração (Mt 4.9, 10; Jo 4.21-24). 2. *Sebomai* – temer (Mt 15.9). 3. *Latréuo* – Servir, ministrar publicamente (Rm 1.25). 4. *Therapéo* - Servir, curar (At 17.25). 5. *Neokóros* – Zelador, Zelar (At 19.35).

1. O QUE O CULTO OFERECE AO INDIVÍDUO

Coloca-o em relação pessoal com Deus, Concede-lhe instrução e luz para o viver cotidiano, Concede-lhe oportunidade de purificação da consciência, Provê-lhe estímulos morais e desafios para a vida, Retempera-lhe a fé, aumenta-lhe a esperança e lhe afervora o amor, Coloca-o em comunhão com os irmãos.

2. SIMBOLISMO DO CULTO

Vários símbolos foram usados na antigüidade pelos cristãos. Podemos citar os seguintes: **A cruz** – Este é o símbolo por excelência. **O peixe** – Dizem que este foi o primeiro símbolo reconhecido pela cristandade. Naqueles tempos de grandes perseguições , os cristãos usavam códigos ou símbolos para se identificarem. Dizem que, ao se defrontar um cristão com outro, traçava um peixe no chão ou no ar e logo o reconhecia. As letras da palavra “peixe” correspondiam às iniciais da frase: Jesus Cristo, filho de Deus,

Salvador. As letras IHS – Elas significavam “Jesus, Salvador dos homens”. Ou INRI – Jesus Nazareno, Rei dos judeus (Jesus Nazareno Rex Iudeorum). XP – Estas letras significam Cristo. Alfa e ômega – o começo e o fim. Estas letras gregas são muito encontradas nas catacumbas de Roma.

2.1 Tipos de cruz - Como a cruz se tornou o símbolo por excelência do cristianismo, foram aparecendo, entre os cristãos, vários tipos de cruz: Cruz latina, Cruz grega, Cruz de Santo André, Cruz de Malta, Cruz céltica.

2.2 Alguns Símbolos Usados No Culto Das Igrejas Evangélicas- A cruz – o sacrifício de Cristo, A mesa da Ceia do Senhor – memorial, O púlpito –, A Bíblia – revelação de Deus, A lira ou harpa.

2.3 O perigo dos símbolos - Os símbolos trazem o perigo de serem tomadas coisas por eles simbolizadas, às vezes, os símbolos perdem o seu significado e vão se tornando superstições. Muitos símbolos podem tornar as Igrejas muito litúrgicas, ainda o apego a símbolos pode trazer a tendência de exaltação a coisas externas, quando, na realidade, o essencial é o interno, o espiritual. O uso de imagens e pinturas trouxe as controvérsias iconoclastas famosas.

3. A LITURGIA

Liturgia é palavra de origem grega. É usada com referência à forma prescrita do culto. Algumas Igrejas são litúrgicas. Como exemplo citamos a Católica Apostólica Romana, A Luterana, A Episcopal. Outras são semilitúrgicas, como a Presbiteriana e a Metodista. A Igreja Na Obra da Restauração, Os Batistas, os discípulos de Cristo, a Igreja de Cristo, os “Holiness” etc. não usam liturgia no culto. Realizam o culto bem simples, mas com ordem e reverência.

Algumas Igrejas realizam um culto com muita ostentação, mas não apresentam vida.

Quanto mais as Igrejas se conservarem afastadas da liturgia, do ritualismo oco, tanto mais fortes serão. Igrejas litúrgicas são Igrejas agonizantes. São como vela que já queimou.

4. AS PRINCIPAIS PARTES DO CULTO

4.1 Os Hinos - Que seria o culto sem os hinos? Seria como um corpo sem vida. Os hinos dão vitalidade ao culto, pois, através deles, o adorador pode atravessar os seus sentimento de louvor e gratidão a Deus com a harpa de seu coração agradecido.

Os hinos refletem nossa convicção, nossa esperança, nossa fé e o nosso amor. Paulo e Silas “cantavam hinos a Deus”, no cárcere, até “pela meia-noite” (At 16.25).

Os cristãos cantavam muito. Herdaram esse costume dos judeus. Plínio, escrevendo ao imperador, a respeito do culto dos cristãos, acentua: “Eles estão sempre cantando...”. Os Salmos constituem uma antologia de louvores a Deus. Eles são como que um florilégio musical”. A história israelita é a mais alta expressão de seu louvor e gratidão a Jeová. Os Salmos constituem a mais bela e fecunda coleção de hinos dos tempos antigos. Nenhuma se lhe pode comparar.

Os anjos, ao trazerem ao mundo o anúncio do nascimento do Salvador, o fizeram “louvando a Deus e dizendo: Glória nas maiores alturas, e paz na terra entre os homens de boa vontade” (Lc 2.13,14).

E que dizer dos primeiros hinos que Lucas registra no Evangelho, como *A Anunciação* (Lc 1.30-33), o *Magnificat* (Lc 1.46-55), o *Benedictus* (Lc 1.68-70), o *Glória in Excelsis* (Lc 2.14), o *Nunc Dimittis* (Lc 2.29-32), *A entrada triunfal* (Lc 19.38; Mt 21.15)?

Na última ceia (Mt 26.30), nosso Senhor e os discípulos cantaram. Que hino foi? Supõe-se que tenha sido um trecho do “Hallel” (Sl 113-118), que era comumente cantado naquela época.

Além das referências feitas, ainda podemos citar outras no Novo Testamento. Em Atos 4.24-30, aparece a letra de um dos hinos que cantavam os cristãos e que muito os encorajava nas perseguições. É um hino de oração e vem da poesia do Salmo de número 2.

Em Efésios 5.19, Paulo comenta que os crentes deviam falar uns aos outros “em salmos, e hinos, e cânticos espirituais, cantando e salmodiando ao Senhor no... coração”. Também aos colocenses recomendava: “A palavra de Cristo habite em vós ricamente, em toda sabedoria; ensinais-vos e admoestais-vos uns aos outros, com salmos, hinos e cânticos espirituais, louvando a Deus com gratidão em vossos corações” (Cl 3.16).

Na Bíblia, encontramos muitos textos líricos que muitos consideram como sendo citações de hinos antigos dos primeiros cristãos. Ei-los: Ef 5.15, I Tm 3.16; 6.15,16, II Tm 2.11-13.

Assim podemos dizer que, dos Evangelhos ao Apocalipse, a música cristã é citada. O “cântico novo” que aparece no Apocalipse é para nós uma grande bênção (Ap 5.9,10).

Porque a religião cristã é alegre, ela está cheia de hinólogos e hinógrafos. O nossa Harpa e Cantor Cristão é o repositório das melhores jóias literárias musicadas. Nomes como os de Frida Vingren, Paulo Leivas Macalão (P.L.M.), Lutero, Carlos Wesley, Fanny Crosby, Ira Sankey, Mozart, Doane, Haendel, Haydn, R. Pitrowsky, Salomão Ginsburg, Sarah Kalley, W. E. Entzinger, Manoel Avelino de Souza e centenas de outros autores de letras e compositores de música nunca serão esquecidos por aqueles que têm manuseado o nosso hinário e por todos que dele venham a fazer uso em seu louvor cantando ao Senhor.

Cantar é bom. Cantar é alegrar o coração, é encher a alma de fragrância. Cantemos, pois, sempre muitos hinos ao Senhor em nossos cultos. Cantemo-los com melhores acompanhamentos musicais que pudermos Ter. Cantemos, pois a música é uma terapia. Os cientistas, em alguns países, recomendam, em muitos casos, a meloterapia. E nós possuímos a melhor música para a terapia de que necessita a alma enferma.

4.2 A Leitura Da Bíblia - A leitura da Bíblia deve ocupar um lugar de destaque num culto público. Os crentes devem estar com suas Bíblias para poderem acompanhar a leitura do texto escolhido. Temos dito que crente que vai à Igreja sem a Bíblia é como soldado que entra em uma guerra sem sua arma. O crente que leva sua Bíblia aos cultos não só dá testemunho por onde ele passa de que ele é “uma Bíblia”. “um crente”, como também estimula outros a amarem e a carregarem a Palavra de Deus.

Assim na leitura da Palavra de Deus os crentes participam juntos no culto da mais santa e benéfica leitura e recebem inspiração para as suas almas.

Os judeus liam muito, no culto público, a Palavra de Deus. Quando Jesus foi à sinagoga lhe deram um rolo para ler. E o texto que ele leu era o profeta Isaías.

Esta referência a uma reunião numa sinagoga judaica é para mostrar o valor da leitura do texto bíblico. Se os crentes lessem sempre a Palavra de Deus nos cultos, talvez houvesse mais interesse pela mesma e maior número de conversões. O salmista declara: *“Oh! Quanto amo a tua lei! Ela é a minha meditação o dia todo”* (Sl 119.97). Pelo desejo que tinha de conhecer melhor a Palavra de Deus, o mesmo salmista exclama: *“Desvenda os meus olhos, para que veja as maravilhas da tua lei”* (Sl 119.18). Amemos de toda a nossa alma a Palavra de Deus. Leiamo-la, não só em casa, mas no serviço, nos cultos públicos, nas reuniões, nas festas, etc. Façamos de sua leitura a melhor em nosso culto. Com o grande cantor de Israel, digamos: *“A tua palavra é fiel e toda pura, por isso o teu servo a ama”* (Sl 119.140).

4.3 A Oração - A oração é a respiração da alma. Ela é a janela, pela qual vemos e falamos com Deus. O Antigo Testamento é um repositório imenso de orações. Ali vemos e achamos as orações de Abraão, Isaque, Jacó, Moisés, Davi, Salomão, Elias, Eliseu, Ana, Daniel e de centenas de outros servos de Deus.

A oração deve ocupar um lugar saliente no culto. É o momento quando a alma se descobre perante o Criador e lhe invoca as bênçãos. Ela é a chave que abre o coração de Deus, donde saem as inumeráveis bênçãos para nossas almas. Orar, então, é estar em contato com Deus. É debruçar-se ante a sua face augusta, para ouvir-lhe as repreensões, para sentir-lhe os apelos, para receber as bênçãos.

A oração é a alavanca que levanta as montanhas das dificuldades, que impulsiona os corações, que soergue os desanimados e abatidos,

Oração não é discurso como faziam os fariseus. Não é reza de vãs repetições, como o fazem muitos. Não é um disco arranhado. Não é memorização. Oração é a cabeça inclinada e o coração na boca; aquela demonstrando humildade e esta proferindo o que é real, o que o coração sente. Oração da boca sem o coração é a seta que sai em direção a alvo errado.

Muitas são as orações que encontramos no Novo Testamento. Jesus deixou-nos belos modelos de oração e de como orar. Também verberou os hipócritas, que faziam orações extensas e vazias de sentimento. O publicano saiu do templo justificado; o fariseu desceu condenado. Rui Barbosa já dizia que “a oração é o íntimo sublimar-se de alma pelo contato com Deus”. Guardemos, com Tiago: “A súplica de um justo pode muito na sua atuação” (Tg 5.16).

As orações, quanto às suas qualidades, devem ser: 1) objetivas; 2) compreensivas; 3) concisas.

Quanto à sua classificação, elas podem ser: 1) de adoração; 2) de confissão; 3) de súplica; 4) de intercessão, etc.

Quanto ao seu propósito, elas devem incluir: 1) adoração; 2) confissão; 3) agradecimento; 4) súplica; 5) submissão.

4.4 A Pregação - A mensagem é a parte central. Que responsabilidade a do pregador. Ele é o transmissor das verdades do eterno Deus. A ele cabe comunicar aos ouvintes a mensagem do coração amoroso de Deus ao pecador.

O Dr. Manoel Avelino de Souza, em seu livro *O Pastor*, p. 122, declara: “A função principal e por excelência do pregador é entregar a mensagem. A pregação do evangelho, ou o sermão, deve ocupar o lugar supremo da sua vida, dos seus propósitos, dos seus interesses, das ocupações, dos seus estudos e esforços, tudo o que está ligado à sua submeter-se à sua função de pregar. E aí daquele que se apresente ao mundo como um mensageiro de Cristo e faça do seu púlpito um lugar de divertimentos, de passatempo, de exibições ambiciosas; lugar de chicana e política, de manipulação simplesmente literária, secundária, sem qualquer responsabilidade! Ele não pode fazer do ministério sagrado de anunciar a salvação de Deus, aos pecadores, um campo de intrigas, de explorações, sejam quais forem, de vantagens financeiras e sociais, de oportunidades especiais para misteres passageiros e particulares. Não. Se o fizer, sua queda será inevitável e fatal; seu testemunho negativo e sáfaro; sua obra, inútil e prejudicial a Cristo e à sua Causa; será ele uma estrela cadente no céu ministerial, uma nuvem sem água no espaço donde caem os aguaceiros da graça divina. Os tais são nódoas, máculas negras e negrejadas no ministério da pregação. A pregação revela o propósito de Deus aos homens, transmite graça, sabedoria, poder e vida. Por essa razão, ela é, para o mundo da consciência, um sopro de vida. Quando ela diminuiu, o povo pereceu, por falta de visão e de conhecimento de Deus; quando desaparece, as trevas cobrem os corações e as almas se perdem; por falta de verdade, as trevas substituem o bem, o pecado, a santidade, a morte, a vida, a incredulidade, a fé, o ódio, o amor, a vingança, o perdão.”

O Dr. Shepard, em sua grande obra *O pregador*, p 49 e 50, inculca:

“O método de propaganda por excelência do cristianismo é a pregação, cujo auge é atingir os confins do mundo. Desde do início do cristianismo tem usado a pregação como método mais eficiente. O evangelho foi pregado antes de ser escrito. A causa de Cristo, nos tempos apostólicos, se expandiu pela pregação da Palavra. Paulo, Pedro, João e muitos outros apóstolos viajavam evangelizando e fundando Igrejas por meio da pregação. Nos séculos subseqüentes, os grandes missionários, como Columba, entre os bretões, Agostinho, entre os povos anglo-saxões, Bonifácio, no meio dos gauleses, e assim outros, seguiram a mesma orientação. No movimento missionário dos tempos modernos, os mensageiros de Deus seguem o mesmo método. Judson, em Burma; na China, Morrison e Yates; Carey e Duff, na Índia; na África, Moffat; e Brainerd, entre os índios da América do Norte; todos esses se dedicaram à pregação da Palavra. Os tempos de refrigério têm sido exatamente os de grandes movimentos religiosos promovidos pela pregação. A Inglaterra necessitava do pão espiritual: morria, quando os Wesley participaram uma grande campanha de pregação. Whitefield, Moody e outros evangelistas famosos dos tempos modernos revivificam as Igrejas com a pregação. Milhares de almas têm sido chamadas trevas para a luz pela pregação de grandes evangelistas, como Spurgeon, Robertson, Beecher e outros. Por ela as Igrejas se edificam na vida cristã. A exposição da Palavra de Deus, feita habilmente do púlpito por um grande pregador como Alexandre Maclaren, leva sua influência aos confins do mundo. A palavra de um Lutero, de um Calvino ou de um Knox derruba impérios destrói reinos, transforma nacionalidades e orienta correntes da história. Quem pode medir o poder da pregação?”

4.5 Culto cantado - Culto cantado é um culto especial, geralmente com uma ênfase central, em que, em sua maioria, as partes são partes são hinos – tocados ou cantados, com a participação da congregação, de solistas, de duetos, coros e conjuntos musicais. Pequenas mensagens, alusivas ao tema central, podem integrar um culto cantado.

6. DEDICAÇÃO DE CRIANÇAS

É comum ao casal crente, quando lhe nasce uma criança, levá-la ao templo para dedicá-la ao Senhor, logo nos seus primeiros meses de vida.

Nas Igrejas Na Obra da Restauração, a criança não é batizada quando nasce porque a Bíblia diz que o batismo é para o que crê. A criancinha não tem essa capacidade. Ela não pode, ainda, fazer o uso da razão como os adultos.

O fato dos pais levarem seus filhinhos ao templo para serem dedicados ao Senhor demonstra que eles nutrem esperanças de que, ao crescerem, eles procuraram seguir os retos caminhos divinos.

O próprio Senhor Jesus, quando nenê, foi dedicado por seus pais num templo. Levaram-no ao templo em Jerusalém (Lc 2.22-24) para sua apresentação ao Senhor.

➔ Como deve ser conduzida a cerimônia de dedicação de crianças:

1. Os pais vão à frente, conduzindo a criancinha.
2. Em ali chegando, o pastor tomará a criancinha em seus braços.
3. O pastor poderá ler Números 6.22-27 ou Deut. 6.4-7
4. Em seguida, o pastor dará uma breve palavra sobre o valor da dedicação da criança ao Senhor.
5. Depois o pastor se dirigirá aos pais e dirá: “Vocês aqui vieram trazendo seu filhinho com o desejo

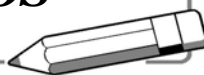
de apresentá-la publicamente à Igreja e esperando a bênção do Senhor. Agora, lhes pergunto: Vocês prometem, na presença de Deus, o Criador, e desta Igreja, criar esta criança nos retos caminhos do Senhor?” Os pais responderão: “Sim, prometemos.”

O pastor pedirá a congregação que se ponha de pé e, segurando em seus braços a criancinha, dirá aos pais: “Já que vocês (poderá citar o nome dos pais) se comprometem, publicamente, diante de Deus, e desta Igreja, a dedicar este (a) menino(a) ao Senhor, responsabilizando-se pela criação dele(a) nos sagrados ensinamentos bíblicos, como ministro do evangelho apresento o(a) menino(a) (citar o nome da criança) ao trono da graça para que o Senhor a abençoe”

Em seguida, orará: Ó Deus Supremo, Senhor da vida e de todo o mundo, a ti dedicamos (fulano de tal). Rogamos-te que o(a) ajudes em seu crescimento físico, intelectual, moral e espiritual. Concede, Senhor, graça e sabedoria aos seus pais para que possa criá-lo(a) como tu mesmo desejás. Que seus pais se submetam à tua vontade e criem, em casa, um ambiente espiritual que venha a influenciar esta criança para ser um grande servo em tua Causa.

6. Após a oração, o pastor beijará a criancinha e devolverá à sua mãe, encerrando, assim, a cerimônia.

EXERCÍCIOS



1. O que o Culto oferece ao indivíduo?

R: _____

2. Faça referência aos símbolos de culto usados na antiguidade pelos cristãos:

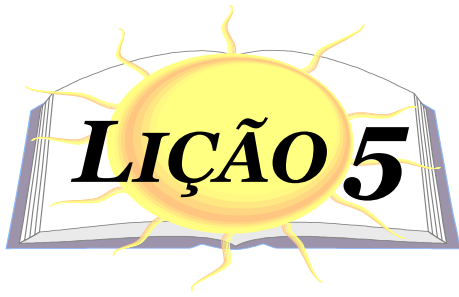
R: _____

3. Cite as principais partes do culto:

R: _____

4. Comente o processo de apresentação de crianças:

R: _____



✓ A Igreja e suas Relações

1. A RELAÇÃO DA IGREJA COM AS IGREJAS CO-IRMÃS

Uma Igreja deve manter a mais estreita relação fraternal com suas coirmãs. Problemas surgirão durante os anos, quem sabe, mas deve esforçar-se para que as relações fraternais não sejam rompidas.

Os casos mais comuns de estremeamento das relações fraternais são oriundos de desentendimento entre um membro e outro, ou entre um membro e o pastor. Às vezes, o desentendimento é mais por causa de questões administrativas. Quando não podem entender-se, surge o impasse. Para solucionar o problema, algumas Igrejas têm usado os seguintes expedientes:

1. Dar ao querelante uma “carta compulsória” para que ele vá para a Igreja que quiser;

2. Prender a carta de transferência do solicitante, provocando, assim, reação da Igreja para a qual ele solicitou sua carta.

As Igrejas deviam evitar criar problemas quanto à concessão de cartas de transferência. O membro tem o direito de pertencer à Igreja que desejar. Uma Igreja tem também o direito de rejeitar a transferência de um membro que ela saiba ser problemático. Igrejas há que não levam em conta estas coisas. Aceitam membros por transferência, mesmo que tenham criado problemas anteriormente, em outras Igrejas. Estão armazenando situações dificultosas para si mesmas.

Há Igrejas que têm agido, em certos casos, com vingança. Essa atitude é incompatível com o espírito cristão. Às vezes, um grupo discorda de certos pontos de vista da direção da Igreja e procura mostrar o que considera certo. Mas a Igreja não aceita um diálogo. Resultado: ou o grupo se humilha, ou é excluído. Outra Igreja, vendo um grupo que não cometeu nenhum pecado e foi excluído injustamente, só porque discordou de pontos de vista administrativo, apóia o grupo e o aceita em seu rol de membros por aclamação. Logo depois, patrocina a organização daquele grupo em Igreja num local onde já estejam se reunindo para isso.

Às vezes, Igrejas chegam até a cortar a fraternidade com outras, não mantendo nenhum intercâmbio com elas.

Isso é triste e doloroso. Um pouco de tato, em muitos casos, poderá evitar grandes divisões, decepções e escândalo para o evangelho. Urge, pois, que cada Igreja compreenda que o espírito de fraternidade deve ser uma grande tônica em suas relações com as coirmãs.

Mesmo que sofram muito para isso, é conveniente para a Igreja e o pastor evitar choques, melindres, escândalos, a fim de que a Causa não sofra. É preciso muita renúncia, muito tato e bom senso. Mas vale a pena! O salmista proclama: “Oh, quão bom e quão suave é que os irmãos vivam em união!” (Sl 133.1)

2. A IGREJA E OS CONCÍLIOS

1. Os concílios são formados de Igrejas da mesma fé e ordem.

2. Os concílios não têm autoridade sobre as Igrejas. As suas decisões são apenas recomendações, que podem ser aceitas ou não.

3. Os concílios podem ser ex-parte ou mútuo. No caso de haver problema em algumas é só uma delas convocar um concílio, temos o concílio ex-parte. Quando as partes em litígio concordam em convocar um concílio, para ajudá-las na solução de seus problemas, temos o concílio mútuo.

4. Concílios podem ser convocados para assuntos como os seguintes: a) Organização de novas Igrejas; b) ordenação de um pastor; c) ordenação de diáconos d) estudo de problemas surgidos entre Igrejas; e) estudo de heresias etc.

5. A Igreja que convoca um concílio deve, além de expor os motivos, indicar o local, data, hora, e pedir que as Igrejas convidadas enviem seus membros credencias para participar dos mesmos.

6. Ao organizar-se, o concílio deve escolher um presidente e um secretário, se for o caso de concílio para dirimir dúvidas ou solucionar problemas. Em seguida, o presidente exporá o motivo da organização do

concílio. Depois, anunciará que as partes em litígio têm seus representantes, que estão por elas credenciados para exporem os seus argumentos e as suas razões.

O concílio poderá nomear uma comissão especial que, em outra sala, estudará os argumentos, analisará o problema em todos os seus aspectos e, em seguida, preparará o seu parecer para ser apresentado ao concílio.

Enquanto a comissão se reúne, o plenário poderá ouvir músicas, Ter período de oração ler a Bíblia e ouvir alguma exortação ao concílio.

Concluída a sua tarefa, a comissão lerá, perante aos conciliares, o seu parecer. O concílio vai estudá-lo. Se lhe agrada, aceita-o e torna a sua recomendação às Igrejas envolvidas no litígio.

As Igrejas, por questão de consciência e bom senso, devem acatar as decisões do concílio, afinal, elas pediram conselhos. É uma questão até de ética. Um concílio, julgando com isenção de ânimos, poderá agradar até uma parte e até mesmo as duas. Mas as Igrejas devem reconhecer que Deus nos fala através de muitas maneiras, para o nosso próprio bem.

Findo o trabalho do concílio, este se dissolverá. O secretário poderá publicar a ata, ou apenas o extrato de reunião, em algum órgão denominacional, se o concílio julgar conveniente.

3. A IGREJA E O ESTADO

A Igreja é essencialmente separada do Estado por causa do seu caráter espiritual.

Reconhecemos, contudo, que cada membro deve respeitar as autoridades constituídas. Somente em caso que envolvem a consciência cristã pode o crente deixar de realizar as ordens do Estado.

É dever do Estado manter a ordem para o bem de todos. A Igreja contribui na sua esfera, para ajudar o Estado a desenvolver o indivíduo intelectual, moral e espiritual.

Os batistas são defensores intransigentes de separação entre a Igreja e o Estado. A ordem de Cristo é: “Daí a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus.”

O cristão, como cidadão de duas pátrias, deve zelar para que seja, também aqui na terra, um cidadão exemplar.

4. A IGREJA E SEU TEMPLO

- Passos para a construção de um templo -

Precisa-se de muita habilidade para se edificar um templo. Dos primeiros passos depende o sucesso do mesmo.

Assim, podemos enumerar os seguintes passos para a construção de um templo:

4.1 Oração - É o passo primordial, indispensável, pois a oração é a alavanca de todo o trabalho da Igreja. Sem ela, tudo é infrutífero, sem valor. A oração é a arma do crente que, fraco nas possibilidades, tem nas orações a força das possibilidades eternas.

A Bíblia é fértil em exemplos que nos mostram que a oração é indispensável para qualquer obra, seja ela de pequeno ou de grande porte.

4.2 Campanha - No Antigo Testamento encontramos inumeráveis exemplos de campanhas. Nas construções dos muros, na construção do Templo, o povo sempre foi conclamado a uma campanha de dedicação das posses, campanha dos dízimos e das ofertas alçadas. Ao pensar em construir um templo, o pastor deve, após a Campanha da Oração, promover a Campanha Financeira, fazendo com que todo crente sinta o dever e o prazer de construir um templo em que Deus possa ser cultuado com melhores possibilidades. A Campanha pode ser só dos dízimos, mas pode ser também de ofertas especiais, ofertas de gratidão, de reconhecimento. Nessa campanha, podem os crentes receber donativos dos amigos do evangelho e dos que são crentes, mas ainda não estão integrados à Igreja.

Alcançada uma quantia significativa, deve a Igreja adquirir um terreno. A escolha da área a ser comprada deve ser feita com muito cuidado, com muita habilidade. O lugar deverá ser: Acessível – “ Não se coloca a cadeia embaixo do alqueire, mas no velador (...)”; Atraente – Um lugar que chame a atenção do transeunte; O terreno deve ser grande, pois, no futuro, com o desenvolvimento do trabalho, a Igreja precisará de mais espaço; deve-se sondar a formação do terreno.

Comprada a área e observados estes requisitos, a Igreja não deve terminar a sua campanha. Ela deverá continuar a investir o dinheiro para que, rendendo juros, ele possa fazer face às despesas futuras.

Quando, então, for o tempo da edificação, a Igreja deverá observar o seguinte: Contratar um engenheiro competente (de preferência crente e que tenha prática em construção de templos) e fazer ver a ele a necessidade de sua cooperação pedindo os seus serviços, não gratuitos, mas por um preço módico. Assim, ele deverá elaborar a planta do templo, que deverá ser aprovada pelos líderes, ou mesmo por toda Igreja.

Uma boa Igreja deve Ter um bom templo, e um templo deve ser funcional. Na construção do santuário, deve-se observar: Proporção, tamanho, ventilação, galerias, local do coro, assoalho, gabinete pastoral, visibilidade, acústica, iluminação.

Dependências – A Igreja tem diversas organizações que pedem lugar para se reunirem, como União de Mocidade, União de adultos, União de adolescentes, Escola Bíblica dominical, Sociedade de crianças, etc. Por isso ela deve observar o tamanho do terreno e aproveitá-lo bem, pois, além do santuário, ela precisa do prédio de educação religiosa. A Escola Bíblica Dominical tem departamentos como: Infância, Principiantes, Primários, juniores, adolescentes, jovens, adultos.

Há outras dependências, tais como: biblioteca, sanitários, gabinetes, etc.

O material a ser usado deve ser o melhor possível, pois se trata de uma casa edificada para Deus. Deus merece de nós as melhores coisas.

Assim, temos visto que, para a construção de um templo, são precisos passos espirituais e administrativos.

Podemos dizer que os passos são: Espirituais; Econômicos; Técnicos; Estéticos.

4.3 Lançamento da Pedra Fundamental - Quando uma Igreja revolve construir um templo, ela pensa logo na cerimônia de lançamento da pedra fundamental. Por quê? Primeiro, porque é uma solenidade que desperta nos crentes maior interesse pela obra a ser erigida; segundo, porque é uma grande oportunidade de pregar-se o evangelho; terceiro, porque será um momento psicológico, quando, não só os crentes daquela Igreja, como os de outras, e mesmo amigos, se acham presentes, podendo haver oportunidade para se apresentar o plano da obra e apelar aos que desejarem auxiliar financeiramente a construção, fazendo doação de determinada quantia; quarto, porque será uma oportunidade concedida aos crentes que desejam colaborar com documentos, fotos, publicações etc, para serem colocados na urna.

4.4 Preliminares - O terreno já deve encontrar-se bem limpo.

A urna deverá estar pronta em algum lugar próximo do local onde será realizada a cerimônia. A urna poderá ser de metal ou mesmo um grande jarro.

Os documentos a serem colocados na urna devem ser selecionados com bastante antecedência.

O local do terreno onde será colocada a urna poderá ser cavado antes da cerimônia. Se quiser dar relevo a esse ato, dentro da solenidade, esse poderá ser cavado na hora da cerimônia.

Em cidades onde houver jornal, a notícia da solenidade a ser realizada deve ser divulgada, tendo-se o cuidado de colocar-se na urna um exemplar do dito periódico.

Fotografias devem ser tiradas, não só para o histórico da Igreja, mas para serem depositadas na urna. No futuro, se for escavado o local, serão encontrados ali os documentos juntamente com as fotos. O secretário da Igreja deverá fazer uma Ata Histórica do momento.

4.5 O Ato - A parte devocional poderá constar de doxologia, oração e leitura bíblica, como o texto de Atos 17.22-31.

Expondo as razões da reunião, o presidente da solenidade repetirá Salmos 127.1_ “Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a edificam: se o Senhor não guardar a cidade, em vão vigia a sentinela.”

O presidente poderá ler, ou pedir que alguém leia, textos bíblicos alusivos ao costume antigo de edificar-se. Textos como o de I Cor. 3.10-15 (sobre o “fundamento” e o “sábio construtor”); I Pe 2.6-10 (sobre “o fundamento” e a “pedra de esquina” podem ser lidos. Eles são bem apropriados para o momento.

O hino 367 do Cantor Cristão – “Firme na Rocha” – se presta muito para a solenidade.

No momento de tomar a urna para introduzi-la no local para isso reservado. O presidente poderá convidar alguns membros mais antigos da Igreja e os pastores presentes na ocasião para participarem desse ato.

Poderão ser colocados na urna os documentos que se desejarem. Assim, por exemplo, a Bíblia usada no início do trabalho naquele local; relação dos pastores que tenham pastoreado a Igreja; ata da organização da Igreja; fotografia do antigo templo (se for o caso); fotografia e ata da cerimônia de lançamento da pedra fundamental (para isso, a urna não pode ser definitivamente lacrada no dia da solenidade); relação nominal dos atuais membros da Igreja; cópia de algum sermão; moedas e cédulas da época; jornais; e outros documentos que se queira acrescentar.

Ao colocar a urna no lugar apropriado, o presidente poderá dizer: “Assim como o nosso Senhor Jesus Cristo é a Pedra angular de nossa liberdade e salvação, assim como o Espírito Santo no-lo há revelado, e assim como o Pai, no seu grande amor, concebeu o plano da redenção da raça humana, eu coloco esta pedra fundamental da Igreja Que Está em..., em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém”.

Voltando-se para a congregação, ainda o presidente dirá: “Que a Pedra angular da vossa fé seja sempre Cristo Jesus, o filho de Deus, nosso Salvador”.

4.6 O Templo Funcional - Há membros de Igreja que já são “doutores” neste assunto, ou seja, em matéria de templo funcional, por assistirem a palestras proferidas pelo Dr. Alberto Del Nero, o engenheiro evangélico que se especializou na construção de templos assim. Tal membro não terá muito que aproveitar deste estudo, mas ele será bastante útil àqueles que ainda não são senhores do assunto impresso.

O Dr. Alberto Del Nero usa acróstico formando a palavra VIVA, para expor, de maneira clara, as vantagens do templo funcional. Assim é que a primeira letra desse vocábulo, o “V”, representa *visibilidade*, e a letra “I” representa *iluminação*. A outra letra “V” representa *ventilação*, e a letra “A” representa *acústica*. Claro está que acústica, que, no acróstico, vem em último lugar, é o item mais importante, embora, os outros quesitos do templo funcional não devem ser desprezados. Focalizaremos, então, as quatro características distintivas do templo funcional.

4.7 Visibilidade - Reunimo-nos no santuário para o culto a Deus, sem dúvida alguma, a parte mais importante é a mensagem da Palavra de Deus. O ouvinte deseja ouvir a mensagem. Mas ele não quer somente ouvir; tem necessidade, também, de ver o pregador. Se a visibilidade não for boa, o ouvinte se cansará no esforço que fará para ver o mensageiro. Dentro de pouco tempo, estará cansado e sobremaneira prejudicado na recepção da mensagem. No templo funcional (dada à inclinação que se verifica o piso), o pregador é visto livremente, qualquer que seja o lugar em que o ouvinte se situar. Sem qualquer dificuldade de esticar o pescoço e sem torcer a cabeça para os lados, o ouvinte verá o pregador, seguindo-lhe os gestos que acompanham a entrega da mensagem. Não nos esqueçamos disto: há necessidade de ver o pregador e não somente de ouvi-lo.

4.8 Iluminação - Em geral, a iluminação de nossas casas de oração é deficiente e imprópria, por ser fraca e mal disposta (eis que tudo é feito mais ou menos de improviso, sem estudo sério e responsável). Um dos erros muito comuns neste ponto é colocar-se luzes sobre a cabeça do pregador, luzes estas cujos raios incidem diretamente sobre os olhos dos ouvintes. Mesmo que estes queiram prestar atenção ao mensageiro, dentro de pouco tempo estarão cansados, obumbrados pela iluminação falha. No templo funcional a iluminação é indireta (não se vê nenhuma lâmpada), e projetada cientificamente, de maneira que o ouvinte não terá que fazer qualquer esforço especial para ver o pregador, nem este terá que franzir o cenho para ler a Palavra de Deus ou para contemplar as reações fisionômicas de seus ouvintes. Tal iluminação, além de descansar a visão de todos, conferirá, ao ambiente do santuário, uma nota de alegria, pois esta é amiga da luz, tanto quanto a tristeza é amiga das trevas, iluminação bastante não é luxo: é necessidade. Como filhos da luz que somos, soldados que lutam contra as trevas espirituais, devemos zelar no sentido de que somos soldados que lutam contra as trevas espirituais, devemos zelar no sentido de que os nossos santuários tenham uma iluminação que, em seu mutismo, proclame nosso amor à luz.

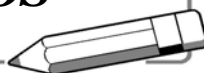
4.9 Ventilação - Numa cidade de clima quente a ventilação devida do santuário é problema que deve ser solucionado, se quisermos prestar um culto racional ao nosso Deus. Não é possível concentrar a mente no trabalho, quando o corpo sofre os efeitos da canícula. O mal que os abanadores trazem à reverência do culto é prejuízo que somente os pastores sabem avaliar com precisão. No templo funcional consegue-se, sem o uso de ventiladores, a temperatura que o termômetro acusar à sombra, fora do templo. Com aberturas aos rés do chão, permite-se a entrada do ar exterior; esse ar sofre o aquecimento proveniente da respiração das pessoas que se encontram ali e, aquecido, sobe o teto, outras aberturas permitem a expulsão do ar quente

para o exterior. Assim, há uma permanente renovação do ar, o que se torna bastante higiênico, além de confortável. O processo é tão eficiente que, quanto maior for o número de pessoas no salão, tanto melhor será a ventilação do ambiente (precisamente o contrário do que acontece se não houver esse tratamento técnico). E ninguém pense que isto fará com que o santuário seja um lugar muito frio no inverno, porque o interior do templo funcional é agradável em qualquer estação do ano; no verão, não será quente demais, e no inverno ninguém sofrerá frio demais.

4.10. Acústica - Aqui chegamos ao ponto mais importante do nosso estudo. Já dissemos que a parte mais importante do culto é a mensagem da Palavra de Deus. As pessoas que adentram o santuário para prestar culto estão interessadas na recepção do recado santo. Mas, como ouvirão, se o barulho não lhes dá permissão? Ouvir o pregador exige um esforço quase sobre humano da parte do ouvinte. E o esforço despendido pelo pregador para se fazer ouvir rouba-lhe energias que lhe fazem falta para a entrega espiritual da mensagem. No santuário de muitas Igrejas, as pessoas que tomam assento do meio do salão para trás ouvem mais ruídos da rua do que a palavra do púlpito. Como podem acompanhar a mensagem, ouvindo-lhes apenas alguns fragmentos? As orações não podem ser ouvidas. E os membros da Igreja dizem “amém” àquilo que alguém disse à Deus apenas porque confiam cegamente no fato que ninguém pedirá ao Senhor algo que não seja para o bem da Causa (do contrário teriam dúvida em dizer “assim seja”). Mas, no templo funcional, o tratamento acústico de som é tão perfeito que, assim como vê o pregador, o ouvinte tem facilidade para ouvi-lo, seja qual for o lugar que ocupe no santuário. E isto, é bom que se note, sem o uso de qualquer tipo de amplificador (instrumento que o técnico de som condena acerbamente num salão de cultos). Usa-se, sim, um alto falante na sala das mães, porque elas precisam ouvir a mensagem, sem que o barulho feito por suas crianças prejudique a reverência do culto. Haverá silêncio no templo funcional para se ouvir a Palavra de Deus entregue pelo mensageiro, e o que é mais importante para ouvir-se diretamente a voz de Deus, falando-nos ao nosso coração. No templo funcional o ambiente favorecerá de tal maneira a reverência. Não se pedirá silêncio porque o ambiente silencioso será natural.

Em conclusão, vamos responder a uma pergunta que muitos estarão fazendo para se construir um templo funcional: As despesas não serão bem maiores do que aquelas que se teriam com a edificação de um templo comum? Resposta: Não. O fato de ser funcional não encarece a construção em um centavo sequer. Assim, se uma Igreja construir um templo novo, não se compreende que este templo não seja edificado funcionalmente.

EXERCÍCIOS



1. Como são formados os concílios?

R: _____

2. Qual o objetivo da Pedra Fundamental? Resuma.

R: _____

3. Cite as 4 características do templo funcional que devm ser priorizadas:

R: _____



A Igreja e suas Ordenanças

1. O BATISMO

Os Batistas não tem ritos como outras denominações nem consideram o Batismo e a Ceia como sacramentos. O Batismo e a Ceia são considerados como ordenanças. Provas? *“Portanto, ide... batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo”* (Mt 28.19); *“... Fazei isto em memória de mim”*(I Cor 11.24). *Ide e Fazei* não são imperativos? Não são ordens?

1.1 Preliminares - O Ato em si mesmo depende de certos atos preliminares, que merecem atenção: Aceito o candidato para batismo (depois de já haver passado pela classe de instruções, como estabelecem algumas Igrejas), ele deve ser instruído sobre o significado desta ordenança.

Orientação deve ser-lhe oferecida quanto à roupa para o batismo. Isto é indispensável, por já termos observado candidatos que aparecem só de calção, e moças só com duas peças. Molhada a capa, agarra-se ao corpo, desenhando sua forma, o que não deixa de trazer certo constrangimento para o oficiante e para os que ajudam no ato.

As capas devem ser, de preferência, brancas. Os cristãos primitivos, dizem historiadores, faziam roupas brancas só para o batismo. Queriam assim demonstrar, pelos vestidos, a alvura de sua nova vida. É que o branco é símbolo da pureza, da candura, da paz.

Uma comissão composta de quatro pessoas (dois homens e duas mulheres) deve ser designada para encaminhar os candidatos ao local onde trocarão as roupas. A comissão servirá também para apresentar-lhes palavras animadoras, pois muitos se sentem nervosos nesse dia: por terem que enfrentar as águas batismais; por terem que ser vistos pelos circunstantes.

Orientação pode ser dada pelo ministro, antes ou na hora do batismo (com as cortinas fechadas), sobre a posição em que deverá o candidato ficar, a fim de auxiliar o oficiante no ato do batismo. Dirá o ministro que ele deverá ter as mãos cruzadas sobre o peito, que os pés deverão estar juntos e que deverá prender a respiração no momento em que for imerso. Esta técnica é indispensável. Conhecemos pastores que não puderam batizar algumas pessoas porque não seguiram esta técnica, principalmente a de conversar com o candidato antes de imergi-lo. Há pessoas nervosas com medo de entrar na água. Verificando o ministro que há, entre os batizando, alguém assim, deve agir com muito cuidado. Poderá permanecer alguns minutos esperando a pessoa acalmar-se. Depois poderá fazer uma espécie de ensaio (tendo as cortinas ainda fechadas). Fará de conta que vai levar o candidato até a imersão. Ele já terá acalmado. Entendeu como será realizada a cerimônia. O restante será fácil. Não haverá mais problemas.

Quanto se tratar de pessoa muito alta, o ministro poderá pedir que ela se ajoelhe. Isto tornará mais fácil para o oficiante o ato da imersão, principalmente, se ele é de pequena estatura.

1.2 O Ato - O ministro poderá seguir as seguintes instruções:

Com a mão esquerda sobre seu coração, e a mão direita levantada acima da cabeça do candidato, ele proferirá, com os olhos fechados, as palavras: *“Meu prezado irmão. Como ministro do evangelho, eu te batizo em nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo. Amém”*. Ou, então, uma fórmula maior, após o candidato, o oficiante dirá: *“ Meu prezado irmão (fulano de tal), segundo a tua profissão de fé, como ministro do evangelho oficiante deste ato, por ordem desta Igreja, eu te batizo em nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo. Amém”*.

Em seguida, colocando a mão direita sobre a mão do batizando (elas já se acham cruzadas sobre o peito), e a esquerda às suas costas, vai, aos poucos, imergindo o candidato. Entre o tempo de imersão e emersão, o oficiante poderá pronunciar as seguintes palavras: *“Sepultados com Cristo no batismo, nele também ressuscitastes pela fé (...)”* (Cl 2.12).

A fim de evitar que o candidato inspire algum pouco d'água, o oficiante poderá ter na mão direita um lenço branco ou um lenço de papel. No momento em que o candidato for imerso, quando seus cabelos tocarem na água, o oficiante usará um lenço para vedar-lhe o nariz.

1.3 A música - Não são muitos os hinos especiais para batismos encontrados em nossos hinários. Podemos achar, no Cantor Cristão, os números 145, 147, 274, 282, 306; e, na Harpa Cristã os números 470, 389, 447. Outros há que, não sendo especialmente escritos para essa cerimônia, podem ser usados nessa ocasião.

O instrumentista poderá ir executando uma música apropriada até a hora da chegada dos candidatos ao rio. Entre um batismo e outro, a congregação poderá cantar uma estrofe dos hinos citados.

1.4 Parte devocional - É indispensável a parte devocional. Primeiro, porque traz a memória dos fiéis o dia do seu batismo; segundo, porque lhes dá fortalecimento espiritual; terceiro, os não-crentes e as crianças, que observam, vão entender melhor o ato a ser realizado.

Os textos que poderão ser considerados clássicos para parte devocional são: Mt 3.13-17, At 8.26-39, Rm 6.3-5.

Deve-se ressaltar o significado do batismo. Mostrar que ele representa um drama em três atos, como já observou um autor. O primeiro ato – a imersão - simboliza o homem velho. O espaço e o tempo entre deixar o candidato e mergulhá-lo representa o primeiro ato. É o homem velho que vai sendo conduzido como morto. E, como nenhum morto permanece insepulto, ele será sepultado. Realiza-se, então, o segundo ato da drama, com a submersão (imersão). É o sepultamento. Paulo interpreta o ato desta maneira: “*Fomos, pois sepultados com ele pelo batismo na morte (...)*” (Rm 6.4). O terceiro ato se processa com a emersão. É o ato de levantar o candidato da água. Morto que tinha estado em pecado e delitos, pelo poder de Cristo ressuscitou. É o que Paulo diz em Col 2.12 (“Tenho sido sepultados com ele no batismo, no qual também fostes ressuscitados pela fé no poder de Deus, que o ressuscitou dentre os mortos.”) O clímax é a emersão, que simboliza a ressurreição. Ressurge, para andar em “novidade de vida” (Rm 6.4).

1.5 Casos de salvação sem batismo no Novo Testamento - Quem diz que o batismo salva está laborando com grande erro. O batismo é um grande símbolo. Ele é necessário para darmos um testemunho público da nossa fé. Há, na Bíblia, muitos exemplos de pessoas que foram salvas sem o receberem. Eis alguns casos:

- ✓ Zaqueu (Lc 19.9).
- ✓ O ladrão convertido na cruz (Lc 23-43).
- ✓ A mulher pecadora (Lc 7.48-50).

2. COMO CELEBRAR A CEIA DO SENHOR

“Ceia” ou “Ceia do Senhor” são os nomes usados para a cerimônia instituída por Cristo quando estava, poucas horas, neste mundo com os discípulos.

Como o Batismo, é a Ceia uma ordenança. Não tem valor sacramental.

2.1 Quando realizá-la - Não temos determinações. A Bíblia não diz as vezes em que pode ser realizada. Verificamos que os Cristãos do Novo Testamento a realizavam com freqüência. Plínio, governador da Bitínia, escrevendo, refere-se ao costume dos cristãos de celebrarem a Ceia. Mas não temos uma norma estabelecida sobre de quanto em quanto tempo devemos realizá-la. Por isso, alguns sugerem que seja mensal a celebração, outros, de três em três meses, e outros, ainda, só aos quintos domingos.

A maioria das Igrejas parece adotar a praxe de celebrar a Ceia de três em três meses. De mês em mês, leva a Igreja a se acostumar à prática, o que poderá tornar a celebração uma prática meramente mecânica.

2.2 Porque realizá-la - A celebração da Ceia do Senhor traz os seguintes benefícios: Leva o crente a recordar o sacrifício da cruz, Contribui para despertar nos assistentes ao culto de celebração um sentimento de submissão.

2.3 Preliminares - Várias providências devem ser tomadas antes da celebração da Ceia:

1. O pão e o vinho devem ser preparados com certa antecedência. Igrejas há, em que, a última hora, está o diácono procurando, aqui e ali, os elementos necessários à celebração da Ceia.

2. O vinho deve ser o suco de uva. Em alguns lugares outro tipo de vinho é adotado. Mas o correto é usar o suco de uva, pois foi o vinho de uva que Cristo usou na primeira Ceia. Quanto ao pão, usamos nas Igrejas Obra de Restauração sem levedura. É verdade que os judeus usavam os pães asmos. O pão da Páscoa.

3. As bandejas e os cálices devem estar bem lavados. A toalha para cobri-los deve estar branca e bem limpa.

4. Uma mesa deve ser colocado à frente do púlpito. Nela serão colocadas as bandejas. Igrejas há que têm uma bonita mesa, com inscrição: “Em memória de mim”, o que chama a atenção dos participantes para o significado da cerimônia.

5. Cinco cadeiras ou mais devem ser colocadas junto à mesa. Na do centro sentar-se-á o ministro oficiante, quando estiverem sendo distribuídos os elementos da Ceia. Nas demais cadeiras sentar-se-ão os diáconos. Dois diáconos distribuirão o pão, e dois outros, o vinho.

6. De maneira muito cortês, o oficiante avisará que a Ceia é só para os membros da Igreja que estejam em plena comunhão com ela. Por questão de cortesia, participam também os membros de outras Igrejas.

2.4 A cerimônia - Com os equipamentos já dispostos e os elementos em ordem, como dissemos, ao som de música suave e própria para o momento, os crentes estarão contemplando sobre a mesa as bandejas, estando já em grande reverência, por reconhecerem que aquela é hora soleníssima.

2.5 O anúncio - Após haver convidado o corpo diaconal para compor a mesa (se assim o quiser, pois poderá convidar apenas alguns diáconos), o pastor iniciará a cerimônia dizendo: “Estamos diante da mesa do Senhor! Aproximemo-nos desta mesa com fé, com a alma contrita, mas ao mesmo tempo jubilosos, esquecidos das ofensas, repletos de amor, unidos num só sentimento, dispostos a uma vida mais pura e consagrada, que se alimenta em Cristo, o Pão da Vida.”

2.6 A exposição - Em seguida, o pastor lerá um dos textos clássicos sobre a Santa Ceia – Lc 22.7-22 e I Cor 11.23-32. Fará uma exposição de significados do ato, levando os ouvintes a sentirem que aquele é um momento de muito respeito e reverência. Sua palavra deverá fazer que os ouvintes se transportem mentalmente à cena da Ceia original e ao Calvário.

Alguns pastores usam ter o pão num prato, e, quando iniciam a prédica sobre o sofrimento de Cristo, tomam-no e vão, vagarosamente, quebrando-o em pequeninos pedaços. É uma forma psicológica de fazer que o ouvinte vá sentido toda a mensagem. Outros, porém, preferem que os diáconos tragam o pão já partido em pedacinhos.

Após isto, o oficiante poderá dizer: “Diz-nos a Bíblia que o nosso Senhor, tomando o pão, deu graças. Oremos.” O pastor fará a oração. É uma súplica que deve expressar, realmente, o grande significado do ato.

2.7 Distribuição dos elementos - Em seguida, tomando as bandejas ou os pratos com os pães, entrega-os-á aos diáconos, para que os repartam com os membros da Igreja. Acabada a distribuição, os diáconos colocarão os pratos sobre a mesa. Tomando um desses pratos, o pastor servirá aos diáconos e a si mesmo. Em seguida, poderá ler João 6.58: “*Este é o pão que desceu do céu; não é como o caso de vossos pais que comeram o maná e morreram; quem comer este pão viverá para sempre.*”

Outros, no entanto, preferem ler: “*Porque eu recebi do Senhor o que também vos entreguei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão; e, havendo dado graças, o partiu e disse: Isto é o meu corpo que é dado por vós: fazei isto, em memória de mim*” (I Cor 11.23). Após a leitura deste texto, o oficiante dirá: “Participemos, irmãos, do pão”. Seguem-se momentos de silêncio e música suave. Em seguida, o pregador indicará um hino, relacionado ao momento, para ser cantado pela congregação.

Alguns minutos depois, o oficiante entregará as bandejas com cálices a outros diáconos, para realizarem a distribuição do vinho. Depois de distribuído esse segundo elemento da Ceia, o pastor servirá aos diáconos e a si mesmo. Lerá então: “*Mas, se andarmos na luz, como ele na luz está, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus seu filho nos purifica de todo o pecado*” (I Jo 1.7).

No lugar do texto poderá ler o seguinte: “*Semelhantemente também, depois de cear, tomou o cálice dizendo: Este cálice é o novo pacto no meu sangue; fizeti isto todas as vezes que o beberdes, em memória de mim*” (I Cor 11.25). Após a leitura e oração, o oficiante dirá: “Participemos, irmãos, do vinho!” Poderá, então, ser cantado um hino para o momento.

Como uma das finalidades da Ceia é “*anunciar a morte de Cristo até que venha*”, o oficiante fará uma espécie de apelo aos não-crentes para meditem sobre o sacrifício de Cristo no Calvário. Deve ser um dos momentos mais tocantes. E os ouvintes, principalmente as crianças, receberão como um impacto em suas vidas.

2.8 Ceia livre, Restrita, Ultra – Restrita

Tem havido, através dos séculos, três posições entre os evangélicos, no que tange a participação da Ceia:

2.8.1. Ceia livre – Advogam algumas denominações que a Ceia deve ser dada a membros de qualquer seita. Opinam, também, que ela pode ser dada fora da Igreja, em casos particulares, aos enfermos nos leitos, em reuniões sociais, etc.

2.8.2. Ceia restrita – Ela só pode ser dada aos membros da Denominação da mesma fé e ordem. Isto quer dizer que um membro de alguma Igreja que não for da mesma fé e ordem daquela que está celebrando a Ceia não poderá participar da mesma. Numa Igreja Batista a Ceia só será dada aos membros que estiverem em plena comunhão com a Igreja, e, por uma questão de cortesia, a algum crente visitante que pertença a uma Igreja batista da mesma fé e ordem. THE EPISCOPAL RECORDER publicou: “A comunhão restrita das Igrejas batistas é apenas a consequência necessária da idéia fundamental na qual se baseia na sua existência. Nenhuma Igreja Cristã receberia voluntariamente, em sua comunhão, até mesmo o mais humilde e verdadeiro crente que não fosse batizado. Para os batistas somente a imersão é batismo, e, portanto, necessariamente, excluem da mesa do Senhor todos quantos não tiverem sido imersos. Faz parte essencial de seu sistema; é a execução legítima de seu credo.”

2.8.3. Ceia Ultra – restrita – Só participam da Ceia os membros da Igreja local. É uma posição bem sensata porque Ceia é para Igreja. Dela só devem, então, participar seus membros. Não há nisso nenhuma falta de caridade, mesmo porque os que esposam este ponto de vista reconhecem que a Ceia não transmite nenhum ato de graça ao participante.

2.9 Pontos De Vista Quanto Ao Simbolismo Da Ceia

a) Transubstanciação – É a doutrina católica. Eles crêem na transformação das substâncias do pão e do vinho nas substâncias do corpo e do sangue de Cristo pelo efeito da consagração eucarística. É uma grande heresia.

b) Consubstanciação – É o ponto de vista dos luteranos. Eles crêem que o participante dos elementos, após a consagração, realmente come a carne e bebe o sangue de Cristo, embora os elementos não se modifiquem.

c) Presença mística – Crêem muitas Igrejas reformadas que a união é espiritual, de modo que, onde o sacramento é recebido com fé, a graça de Deus o acompanha.

d) Memorial – Este é o ponto de vista dos batistas. Cristo instituiu a Ceia como um memorial. O crente não recebe nenhuma graça especial quando participa da Ceia. Ela o leva a rememorar o sacrifício de Cristo por nós na cruz.

3. A QUESTÃO DO LAVA – PÉS

No Caso das Igrejas da Obra de Restauração, após a Ceia, é realizada a cerimônia do Lava Pés como elemento pós-Ceia. A forma em pauta é bíblica, pois Jesus Lavou os pés dos discípulos após participarem da Ceia. João registra esse evento no seu Evangelho no Capítulo 13.

Ao longo dos anos o capítulo 13 do Evangelho de João tem sido alvo de muitas discussões. Alguns teólogos consideram apenas o sentido simbólico do texto, enfatizando apenas que Jesus queria mostrar aos seus discípulos sua personalidade humilde, ou seja, todos os seus discípulos deveriam ser humilde e simples assim como Ele era. Contudo, algo de mais profundo e tremendo compreenderemos se considerarmos o texto

dentro de seu contexto Bíblico Teológico, levando em consideração os pontos específicos que tornam o Lava Pés como um elemento pós-ceia: “*E, acabada a ceia..*” (Jo. 13. 2).

3.1 Obedecendo literalmente, a admoestação de Jesus - A informação que extraímos de nossa pesquisa Bíblica é que a Igreja primitiva seguiu literalmente o exemplo de Jesus. Esta comunhão de Jesus e os seus discípulos foi um ponto de partida para que toda Igreja um pouco mais tarde, viesse à praticar o lava pés como uma ordenança de Jesus. Um exemplo considerável podemos ver em 1 Tm. 5.10. O apóstolo Paulo, uns dos principais defensores dos ensinamentos de Jesus, declarou definitivamente que as viúvas da Igreja não deveriam ser sustentadas pela Igreja local sem que preenchessem alguns requisitos específicos e necessários. Nesta relação de Paulo, encontramos uma declaração que obstrui qualquer argumento que venha combater contra este ensino: “*Se lavou os pés aos Santos*”. O Lavar os pés aparece nesta relação como um dos parâmetros necessários para o cadastramento das viúvas da Igreja primitiva, frustrando assim a idéia de ser apenas “*demonstrações*” de amor e humildade.

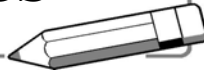
3.2 Não era um “Costume” - Ouvimos muito dizer que o **lavar os pés** era um “costume” do povo Judeu. Na realidade, desde os tempos primórdios a Bíblia faz menções de alguns versículos onde o lavar os pés era um gesto em que a pessoa estava sendo bem aceita (Gn. 24:32 – 1 Sm. 25.41). Nestas passagens o lava pés não é apresentado como um elemento da ceia, mas verdadeiramente como um costume do povo Hebreu. Para compreendermos que o lava-pés empregado em João 13 é uma ordenança tornando o mesmo como um elemento inerente ao pão e o vinho, basta analisarmos com ética e coerência a declaração de Pedro no versículo 8: “*...nunca me lavarás os pés...*” ora, se era um costume, por que não lavar?!, isto é, se era verdadeiramente um ato costumeiro Pedro jamais teria agido de forma tão perplexa, pois já estava acostumado lavar os pés de Jesus. Na verdade, Jesus estava a partir daquela ceia, estabelecendo uma ordenança praticável e não só para aquele momento. Vers. 14-15.

3.3 A Teoria dos “seguidores de Cristo”

Existe ainda um grupo denominado: “*seguidores de Cristo*”. Este grupo organizado em 1996 com sua sede principal no Rio de Janeiro, principalmente na cidade de São Gonçalo, é autor da teoria do sacrifício que entende que o lava-pés é um preparo para a “*aflição em nome de Jesus*”. Ao lavar os pés, os “*seguidores de Cristo*” estaria recebendo um “*preparo espiritual para passar pelos momentos de aflição*”. A base usada para alimentar este ensino, é extraído de Levítico 1.9 onde se lê: “*A sua fressura, e as suas pernas lavar-se-ão com água...*” outros textos que também são usados juntos à este são: Fp. 4.18; Hb.13.16. Logo essa teoria também não tem nenhum apoio bíblico porque a oferta de Lv. 1.9 tratava-se de oferta específica ao Senhor, e o holocausto era de “*gado ou ovelhas*” e não de crentes salvos em Cristo (Lv. 1.2-3). Outro sim, o termo que aparece na passagem de levítico é: “*...suas pernas...*” e não “*os pés*”. Isto é, a ordem bíblica é para lavar somente os pés. (Jo. 13. 10-11).

3.4 Conclusão: Em João 13.7 Jesus fala para Pedro a respeito de obedecer sem que haja questionamento: “*o que faço não o sabes tu agora, mas tu saberás depois*”. Nunca devemos interpretar as verdades bíblicas valorizando o uso da razão: “*tu lavas-me os pés a mim?*” (Jo. 13.6). O evangelho não se entende, contudo se crê “*...loucuras para os que perecem...*” (1 Cor. 1.18). Se a cerimônia do lava-pés não fosse algo praticável, logo as declarações de Jesus em João 13.14, 15 não teria mísero sentido: “*...assim como eu fiz façais vós também...*”

EXERCÍCIOS



1. Cite casos de salvação sem batismo no Novo Testamento:

R: _____

2. Defina as três posições da Igreja durante os séculos concernente a Santa Ceia:

R: _____

3. Mencione os pontos de vista que existem quanto a interpretação da Ceia:

R: _____

4. Qual a base para teoria dos “seguidores de Cristo” quanto o ato de Jesus lavar os pés dos discípulos?

R: _____



✓ A Administração Da Igreja

1. A IGREJA E O SEU PASTOR O pastor e a sua vida

1.1 Sua Vida Espiritual – *“Ministros dum novo pacto, não de letra, mas do espírito; porque a letra mata, mas o espírito vivifica”* (II Co 3.6). O pastor tem responsabilidades espirituais consigo mesmo, para com a família, para com a Igreja e para com a sociedade.

Certa feita, o egrégio pregador da Inglaterra C. H. Spurgeon saiu a passear, à tarde, após preparar seus sermões. Foi para um subúrbio pobre. Lá observou que muitas pessoas vinham buscar água numa fonte. Chamou-lhe a atenção a presença de uma jovem que veio à fonte sete vezes. Ele perguntou porque viera tantas vezes e a resposta foi: “Eu tiro água para várias famílias.” Spurgeon, então concluiu: “Esta é como a responsabilidade do pregador. Ele tem que ir a fonte de Deus mais que os outros, porque ele tira água para muita gente...” O obreiro deve ser zelador pela vida espiritual, a fim de que seu ministério reflita a espiritualidade que o caracteriza.

1.2 Seu Lar – *“Mulher virtuosa, quem a pode achar? Pois o seu valor excede ao de jóias preciosas”* (Pv 31.10). A esposa do pastor é, realmente, a sua adjuntora. Ela o ajuda no seu lar, preparando o ambiente, instruindo os filhos, e educando-os. O lar do pastor deve ser um modelo para o lar dos seus membros.

1.3 Suas Finanças – O ideal é que o pastor seja condignamente sustentado pela Igreja onde pastoreia. O pastor tem responsabilidade com a sua família. O pastor deve ser mordomo sempre fiel, dando exemplo em tudo. O pastor não pode ser mercenário, pois alguns levados pela cobiça “naufragaram no tocante da fé” (I Tm 1.19). Sempre estar em dia com as suas dívidas! O pastor deve saber controlar suas finanças para que seu ministério seja próspero e não venha utilizar o dinheiro da Igreja em problemas pessoais.

1.4 A Denominação – Uma denominação precisa de obreiros inquebráveis. De obreiros que não cedem diante da avassaladora onda do mundanismo, do materialismo, do comunismo e de tantos outros ismos que têm procurado se introduzir em nosso meio denominacional.

1.5 O Pastor Como Conselheiro – Ao exercer o aconselhamento, o pastor está explorando um grande campo. Ele tem a oportunidade de ajudar a *“curar os quebrantados de coração”* e a dar vida espiritual àqueles que estejam com uma brasa que não mais apresenta calor. Cada pastor pratique com inteligência o aconselhamento, e o seu ministério será muito profícuo.

1.6 O Pastor E A Cerimônia De Casamento – Os noivos devem procurar o pastor no mínimo com 3 meses de antecedência, assim ele poderá oferecer os noivos um roteiro de orientação e logo após deverão ser instruídos quanto aos deveres conjugais. No dia o noivo deve chegar 15 min. antes e se encaminhar até o lado esquerdo do púlpito, onde aguardará a noiva. Na hora exata deve chegar a noiva trazida pelo pai, e todos ficarão de pé. O pastor poderá usar a seguinte pregação: *“O casamento é uma instituição tanto divina como humana. Ele foi divinamente instituído quando Deus pronunciou as palavras nupciais no jardim do Éden a Adão e Eva: “Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma adjuntora ... Portanto deixará o homem a seu pai e sua mãe, e unir-se-á à sua mulher, e serão ambos uma só carne”* (Gn 18, 24). Jesus honrou o casamento com sua presença nas núpcias de Caná da Galiléia, onde efetuou o seu primeiro milagre (João 2.1-11). Paulo aprovou como uma instituição digna e essencial à felicidade de ambos os cônjuges. Ele é necessário também a ordem social e para a felicidade humana. Ele ordena aos

esposos que amem as suas esposas como Cristo amou a sua Igreja e deu-se a si mesmo por ela (Ef 5.25). Ele ordena à esposa ser fiel ao marido em tudo, do mesmo modo como a Igreja obedece a Cristo (Ef 5.22,23). Assim, esposo e esposa, deixando pai e mãe, se tornaram uma só pessoa.

1.7 O Pastor E A Cerimônia De Bodas De Prata E De Bodas De Ouro – Os casais que conseguem chegar a 25 anos devem comemorar suas bodas de prata, pois lamentavelmente muitos lares estão sendo desfeitos até mesmo no outro dia do casamento. E quem tem 50 anos de casamento então tem motivo de sobras para comemorar suas bodas de ouro, pois passam a ser para os jovens bons conselheiros assim dando testemunho de vida. Nesta data deve-se convidar todos da família e amigos que acompanham esta longa jornada para que todos presenciem tão importante data e sirva de exemplo para todos os mais jovens.

1.8 O Pastor E As Cerimônias Fúnebres – A morte de alguém oferece uma grande oportunidade de levar o povo à reflexão de sua real condição a diante de Deus. O pastor deve dirigir uma cerimônia de qualquer tipo de pessoas. Ao dirigir este culto, o pastor deverá ler vários textos que falem da brevidade da vida aqui, bem como outros que falem da esperança eterna e da ressurreição.

1.9 O Pastor E Sua Ética – O ministro do Senhor Jesus Cristo, é chamado por Deus para pregar o seu santo evangelho. Portanto, confiando no Senhor (Fp 1.13), voluntariamente deve subscrever os seguintes princípios, com o propósito de ser um bom exemplo para aqueles a quem procuro lidar e servir: Cultivarei a minha vida devocional, deve conservar-me física e emocionalmente em condições para obra que foi confiada; serei justo para com minha família dando o tempo que merece, devo viver dentro do meu salário tendo em dia todos os meus compromissos, lutarei para progredir intelectualmente, não plagiarei, não terei amor desordenado ao dinheiro, não forçarei a minha posse, não vacilarei na fé, Exortarei sempre com amor, procurarei desenvolver minha Igreja, Cultivarei cortesia e amor, não serei demasiadamente exigente, nem serei intransigente, respeitarei todas as casas que entrar, não violarei segredos, evitarei identificação com partidos políticos, não me ausentarei sem comunicar, não assumirei compromissos financeiros com a Igreja sem que saiba, nem usarei o dinheiro para fins pessoais, não criticarei meus colegas, evitarei frequências em lugares de onde me retirarem, revelarei espírito cristão aos predecessores aposentados, não subestimarei colegas cursados, atitudes respeitadas com os idosos, quando discordar, sempre com elegância e amor, cooperar com os colegas, não farei proselitismo de membros em nenhum lugar, não me intrometerei em assuntos de outras Igrejas, enviarei cartas, responderei as mesmas, receberei conselhos, não passarei notícia desordenada, incentivarei a minha Igreja a cooperar com os trabalhos de convenções, ignorarei ofensas pessoais, etc.

1.10 O Pastor E Sua Clínica Pastoral – Esta clínica envolve visitação, conselhos, e muitas outras coisas, podendo assim conhecer a situação da ovelha, e assim contribuindo para o fortalecimento das ovelhas. As visitas serão feitas em lares, hospitais, presídios, etc. O pastor deve ouvir tudo que o crente tem para falar e depois com a orientação do Espírito Santo dar o seu diagnóstico e o seu remédio.

1.11 O Pastor E Os Livros – O pastor deve se dedicar a ler bons livros, assim ele estará sempre atualizado, saberá sobre diversas opiniões a respeito de um assunto, e poderá aconselhar qualquer um a respeito de diversos assuntos. Ler é para o espírito como o pão é para o corpo, ela alimenta, ilumina, nutre e fortifica. I Tm 4.13: “... aplica-te à leitura ...” Castro Alves assinalou: “Quando ante Deus vos mostardes, tereis um livro na mão”.

2. COMO CONSAGRAR UM PASTOR

2.1 Requisitos Exigidos – Quanto Às Qualidades- Reconhecemos que Deus é quem chama o obreiro para o ministério. A Igreja o reconhece como tal. Mas, até chegar a este ponto, já deverá Ter preenchido os seguintes requisitos indispensáveis:

a) Espirituais – é mister que ele demonstre experiência de conversão genuína. Que seja pessoa dotada de virtude cardiais, que formem a tessitura espiritual, como fé, amor e humildade.

b) Morais – que possua padrão de caráter. Que demonstre o testemunho dos de fora quanto à sua vida moral (I Tm 3.7).

c) Intelectuais – Que seja pessoa de reconhecida capacidade intelectual, apta para ensinar, para exortar.. Que seja estudioso e procure sempre desenvolver-se intelectualmente.

2.2 Quanto à Experiência

a) Período Probatório – Evitar a pressa. Já diz o brocardo que a pressa é a inimiga da perfeição. Um período de um ou dois anos, a fim de que o candidato, trabalhando com Igrejas, possa ser observado, e se verifique se ele preenche as exigências de I Tm 3.1-7, será aconselhável. Ocorre, vez por outra, que algumas Igrejas, na ânsia de aproveitar o candidato logo, sem o necessário período da prova, promovem, de afogadilho, sua consagração, e, tempos depois, experimentam dificuldades.

2.3 Preparativos ou Encaminhamento - Cabe à Igreja, quando descobrir que uma pessoa é realmente vocacionada, encaminhar a sua ordenação, pois o candidato, embora sinta que Deus o chamou, não deve, por questões éticas, propor sua consagração, é para desconfiar de candidatos que começam a assolhar sua consagração ou vão, aos poucos, mimando terreno em Igrejas, visando ao beneplácito de alguns irmãos, para recomendá-los. O Deus que chama coloca, na hora exata, em sua obra o seu servo. Oferecer-se, além de infringir um princípio ético, pode ser demonstração de espírito de mercenarismo. Homens como Moisés e Jeremias, para citar apenas dois exemplos bíblicos, devem ser modelos para aqueles que desejavam ser investidos do múnus ministerial.

2.4 Cerimônia de Consagração

a) Prolusão

b) Prelúdio instrumental – Abertura – Leitura Bíblica (I Tm 3.1-7) – Hino pelo coral da Igreja – oração – música instrumental

c) Constituição do presbitério

Leitura do relatório do concílio examinatório – Imposição das mãos pelos ministros presentes – oração consagratória – Entrega da Bíblia – Solo – Sermão.

d) Encerramento

Hino pelo coral da Igreja – Bênção Apostólica (pelo novel) – poslúdio instrumental.

3. AFASTANDO DO MINISTÉRIO PESSOAS SEM IDONEIDADE PARA EXERCÊ-LO

Sendo o ministro de origem divina e a função do ministro do mais alto preço, não se pode conceber que no mesmo entrem elementos que não reúnem requisitos bíblicos para receber o múnus ministerial.

Infelizmente (dizemo-lo com tristeza), tem entrado para o ministério elementos que não satisfazem às exigências exaradas em Timóteo e Tito. Daí termos verificado Igrejas sofrendo com “pastores problemáticos”, com elementos inescrupulosos, que manipulam a seu jeito formas, a fim de se ajustarem na direção de Igrejas. Aqueles que entram para o ministério sem darem provas sobejas de vocação estão falados a fracassar. Não só eles se arruinam, como levam a ruína muitas ovelhas. O sumo Pastor já disse que lobos vorazes entrariam no meio do rebanho.

Incalculável é a desgraça trazida sobre o trabalho do Mestre por elementos do jaz referido. Urge, no entanto, uma tomada de posição. Precisamos por cobro a esta onda de consagrações promovidas por leviandade.

Ministério é coisa séria, santa e pura. Aventureiros devem ser observados e barrados. O apóstolo Paulo diz que devemos provar os espíritos.

Infelizmente, há obreiros e Igrejas que, direta ou indiretamente, contribuíram e estão contribuindo para este estado de coisas. Há pouco tempo, perguntava uma pessoa não crente: “Não há jeito de se cassar o mandato desses pastores que se portam assim?”

Não podemos assistir impassíveis a estes desaires do ministério. Mister se faz prevenir as Igrejas da necessidade de observar rigorosamente os requisitos para a investidura ministerial. A seção da Ordem dos Pastores pode ser consultada quando uma Igreja quiser consagrar alguém ao pastorado.

3.1 A soberania da Igreja - Soberana é a Igreja nos seus atos. Ela ordena o candidato, mas nunca o faz sozinha. Por isso convoca as suas coirmãs para se formarem em concílio examinatório e

consagratório. O pastor não será consagrado só para aquela Igreja, mas o será para o ministerial em geral. Soberana a Igreja, dizíamos, nos seus atos, deve esforçar-se ao máximo para acertar em todas as suas decisões. Acontece que membros, não obstante a espiritualidade de que se revestem, estão sujeitos a claudicar, sendo iludidos em sua boa fé.

Mas porque errou quando da consagração de um elemento, ou porque este, que parecia encarar as virtudes indispensáveis ao exercício do pastorado, deu lugar à tentação e caiu, não está a Igreja sujeita a ficar com ele na mesma categoria dos demais ministros que permaneceram fiéis.

À Igreja, que coube a iniciativa da consagração, cabe também o dever de reparar o erro. Como lhe foi reconhecida autoridade para promover a ordenação, é lhe reconhecida para promover a anulação do ato consagratório. A ela cabe o direito de admitir membros e de excluí-los quando não se portam de acordo com o padrão neo-testamentário. Ela é o único tribunal. É a única corte de apelação. *Mutatis mutandis*, à Igreja cabe a responsabilidade da depuração ministerial.

3.2 Como promover a anulação da ordenação - Os trâmites a serem seguidos não vão diferir em muito dos trâmites para a consagração. A diferença principal estará no animus. Na consagração, os conciliares se alegravam com a investidura de um que, tudo indicava (nem em todos os casos “tudo indicava”), seria vocacionado para o Santo ministério. Na anulação, a disposição de alma é de tristeza, por um lado, porque foi reconhecido publicamente desqualificado para o ministério um que tentou andar, como Judas, no meio dos discípulos, e de regozijo, porque um grande mal foi reparado, dando-se, assim, à Denominação e ao público uma satisfação.

Dois maneiras, pelo menos, podem ser usadas no que respeita a este assunto:

A Igreja poderá reunir as mesmas pessoas que compuseram o concílio consagratório e, com elas, após a exposição de motivos, proclamar anulado o seu ato consagratório.

A Igreja que promoveu a consagração de determinado pastor poderá, em sessão extraordinária, reconsiderar o seu ato de consagração do elemento implacado, e, mediante o argumento de que o mesmo não está correspondendo à responsabilidade de investidura, votar a anulação do ato que o levou à função de ministro.

3.3 Com a Ordem dos Ministros - A Ordem dos Ministros deverá cassar a carteira de sócio do elemento cuja ordenação foi invalida, e para tanto, fará publicar um edital no órgão competente.

Isto é zelo. Quem cala consente. Quem não se levanta para combater o erro torna-se conivente.

3.4 É melhor prevenir do que remediar - Querendo evitar que se multipliquem os casos escabrosos, alguns estados já têm comissões indicadas pela Ordem dos Ministros (do próprio estado) para proceder a sindicância quando alguém se apresenta como indicado ao ministério ou quando alguma Igreja ou pastor deseja promover a sua consagração.

Os interessados se dirigem a comissão, e esta faz um exame *in loco* da situação, examina a vida pregressa do elemento, suas qualidades sob todos os pontos de vista, as circunstâncias etc. É comissão idônea, zelosa. Os opinionários dão relatório à Igreja. Esta, que deseja o bem da causa, aceita o relatório.

É necessário que façamos tudo para evitar introduzir no episcopado elementos desclassificados, que só trarão prejuízo à Causa.

4. RECONDUÇÃO AO MINISTÉRIO

Quando o ex-pastor se mostra arrependido do que praticou (e que trouxe não só escândalo aos incrédulos, mas também decepção e afastamento de alguns crentes) e tem dado provas cabais disto perante as Igrejas, a família e a sociedade, durante um bom tempo, é possível sua recondução ao ministério. Dizemos um bom tempo porque é necessário que as Igrejas e a sociedade reconheçam que ele voltou a merecer a confiança que antes nele depositavam como obreiro do Senhor.

Não deve haver precipitação em reconduzir um obreiro ao ministério. O açodamento é perigoso. É mister que o indivíduo seja bem provado. Deve-se verificar se ele é, realmente, chamado para a obra, ou entrou no ministério sagrado por algum interesse que não o de atender ao chamado do Senhor. Se isso não for observado, ele poderá cair novamente, pois não sendo vocacionado pelo Senhor, não permanecerá fiel, e ficará por algum tempo, a frente do rebanho como enganador.

4.1 Como realizar a reconciliação - Quando uma Igreja deseja reconduzir alguém ao ministério pastoral, deve tomar as seguintes providências:

1. Consultar a ordem de pastores a respeito de seu desejo. Se a ordem opinar favoravelmente à recondução do obreiro, então à Igreja terá respaldo para prosseguir em seu intento.

2. Convocar um concílio. A Igreja deve convocar às co-irmãs para a formação de um concílio de recondução de Pastor ao ministério, indicando dia, local e hora da realização da reunião.

3. O concílio será constituído de representantes das Igrejas presentes. O concílio é formado de Igrejas e não de pastores. Os pastores formam o presbitério que surge no andamento do concílio. Há casos específicos em que se deve pedir as Igrejas, ao nomearem representantes seus para participarem na formação de um concílio, que lhes dêem uma credencial para ser exibida no ato da organização do concílio.

4. O obreiro da Igreja que faz a convocatória é, costumeiramente, o responsável pela instalação do concílio. Este obreiro deverá saber quais Igrejas credenciaram representantes para a organização do concílio. Feita a contagem do número de Igrejas e de seus representantes credenciados, o dirigente perguntará se eles estão dispostos a formarem o concílio para tratar da recondução ao Ministério do irmão ... Obtendo resposta favorável, ele declarará formado o concílio.

5. O concílio deverá Ter uma diretoria composta de um presidente e de um secretário, que funcionará só para este ato. É comum ser indicado para presidente o próprio pastor da Igreja que convocou o concílio, mas nada impede que o irmão, com experiência em assuntos denominacionais venha a ser o presidente do concílio se a Igreja estiver sem pastor. Para secretário poderá ser indicada qualquer pessoa que saiba redigir com facilidade.

6. Em seguida, nomear-se-á o examinador do candidato. O exame pode versar sobre doutrina geral, prática pastoral etc. e experiência sobre reabilitação moral e espiritual. Quando o concílio for convocado para recondução de pastor que foi excluído por desvios doutrinários, o exame deve ser especialmente direcionado sobre suas crenças. Além do examinador escolhido, qualquer pessoa poderá fazer perguntas ao candidato. Eleger-se-ão ainda o que proferirá a oração consagratória e o que proferirá o sermão ocasional. Não é preciso nomear alguém para entregar a Bíblia porque ele já recebeu na primeira imposição de mãos. Mas se a Igreja quer repetir o ato pode fazê-lo.

7. Após o exame do candidato, os pastores poderão se retirar para alguma sala para discutirem sobre se recomendam ou não a recondução do irmão ao ministério.

8. Voltando aos pastores, o presidente declara aos conciliares qual a opinião firmada por eles. Se é favorável à recondução, as demais partes serão executadas normalmente. Se for ao contrário, o concílio caminhará para o fim já nessa parte.

9. Mas se for o favorável o parecer do concílio, o presidente declarará ao plenário a decisão de recondução e, após isso, convidará o candidato para ajoelhar-se na frente do auditório. Os pastores, formando o presbitério, circundá-lo-ão, estendendo as mãos sobre sua cabeça, enquanto um pastor já previamente escolhido impetrará a bênção de Deus sobre o obreiro reconduzido ao ministério sagrado.

10. Neste ponto o presidente poderá declarar que o irmão em causa se acha plenamente restaurado e reinvestido no ministério sagrado.

11. O pregador escolhido para proferir o sermão ocasional, desincumbindo-se de sua tarefa, proferirá uma mensagem apropriada ao momento, exaltando o caráter sagrado do ministério pastoral.

12. Chegando ao final, o presidente declara dissolvido o concílio. Se a ata estiver pronta, poderá ser lida. Após isso, o pastor reconduzido proferirá a bênção apostólica.

Nota:

A recondução de obreiros excluídos por adultério e por outros pecados graves só se deve processar em casos essencialíssimos e, assim mesmo, depois de vários anos de comprovação de que o postulante à recondução ministerial se acha realmente restaurado e em condições de exercer com autoridade moral o ministério pastoral.

No campo batista fluminense houve a recondução ao ministério do pastor Benedito Borges Botelho, que pastoreou em São Fidélis. Só depois de mais de 15 anos de ocorrência a exclusão foi ele reintegrado ao ministério. O mesmo ocorreu com o pastor Evódio Pinto Queiroz, que pastoreou em Neves. Depois de mais de 15 anos de afastamento do ministério ele foi reintegrado pela primeira Igreja Batista de Niterói. Eles caíram, mas não ficaram prostrados. Ao se levantarem, vieram com grande ânimo. Passados os anos

referidos, as Igrejas viram neles condições morais para assumirem o pastorado de uma Igreja. E deram provas cabais, até à morte, de serem obreiros dignos do Senhor.

5. A IGREJA E OS LÍDERES EXTRA-BÍBLICOS

O estabelecimento de alguns critérios auxiliam a Igreja na escolha de seus obreiros. Já o insigne sábio advertia: “*Quando não há sábia direção, o povo cai; mas na multidão de conselheiros há segurança*” (Pv 11.14). 1. O Líder deve ser um crente espiritual; 2. O líder deve ser um crente ativo; 3. O líder deve ser um bom mordomo de sua vida e de seus talentos; 4. O líder deve ser leal: à Igreja, ao pastor, aos companheiros, à Denominação; 5. Tanto quanto possível, o líder deve residir próximo à Igreja.

5.1 O SECRETÁRIO DA IGREJA - Muito do progresso da Igreja depende do trabalho zeloso de um secretário. Um ótimo secretário é um grande auxiliar da Igreja e do pastor.

5.1 Suas qualificações - 1. Deve Ter boa redação; 2. Deve escrever legivelmente; 3. Deve ser uma pessoa madura; 4. Deve Ter uma boa educação; 5. Deve ser zeloso; 6. Atualmente, requer-se também um conhecimento na área da informática.

5.2 Suas responsabilidades - 1. Redigir as atas das sessões da Igreja – sessões regulares, extraordinárias e solenes – e passá-las para o livro competente. 2. Expedir toda a correspondência da Igreja (cartas de transferência, convites, etc.). 3. Trazer sempre em dia o movimento estatístico da Igreja. 4. Zelar pelo fichário da Igreja, cuidado para que todas as informações de cada membro da Igreja esteja sempre em dia. 5. Caso não haja na Igreja uma comissão de assistência aos decididos, cumprimentar, cordialmente, todas as pessoas que se manifestam nos apelos, anotando-lhes o nome, idade, endereço, etc. 6. Ainda neste caso lidar diplomaticamente com todos os decididos, bem como com os visitantes, caso não haja uma comissão especialmente nomeada para isso.

5.3 São suas atribuições - 1. Arquivar cartas, documentos, boletins, certificados, etc. Tudo o que for de interesse para os arquivos da Igreja. 2. Responder, assessorada pelo pastor, a todas as cartas que forem enviadas à Igreja e que forem da competência da secretária. 3. Cuidar da correspondência do pastor. 4. Providenciar o envio de cartões de aniversário para os membros da Igreja e para interessados. 5. Felicitar as Igrejas e entidades denominacionais, quando de comemorações especiais. 6. Preparar o boletim da Igreja. 7. Manter em dia o rol de membros e o fichário com informações sobre os mesmos, incluindo registro de batismos, funerais, casamentos, etc. 8. Providenciar as cartas de transferência, enviando-as às Igrejas competentes. 9. Preparar a agenda anual da Igreja, bem como outros informativos e publicações. 10. Fazer o trabalho de mecanografia necessário à secretaria da Igreja. 11. Receber as chamadas telefônicas, encaminhando-as ao trabalho do pastor, e outras que sejam solicitadas. 12. Efetuar as ligações telefônicas, necessárias ao trabalho do pastor, e outras que lhe sejam solicitadas. 13. Preparar os relatórios da Igreja para as sessões de negócios. 14. Auxiliar ao pastor na marcação de sua agenda. 15. Ajudar os líderes da Igreja na preparação de materiais necessários ao seu trabalho.

Certamente, será de grande valia para o bom andamento do trabalho a função da secretária de tempo integral. Especialmente nas Igrejas de maior porte. São inúmeras as áreas em que pode atuar.

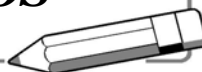
5.4 O TESOUREIRO DA IGREJA - O cargo de tesoureiro da Igreja é de grande responsabilidade e importância. Por isso, muitas Igrejas lutam com dificuldade para encontrar um membro que queira desempenhar tal função. Em muitas Igrejas, este cargo está entregue a um diácono. Hoje, o cargo de tesoureiro está ficando cada vez mais espinhoso, pelas exigências legais que, dia após dia, crescem e se tornam mais complexas.

5.5 Qualidades que devem ser requeridas do tesoureiro - Deve ser uma pessoa educada, deve ser uma pessoa desembaraçada, deve ser uma pessoa que tenha, pelo menos, noções de contabilidade, deve ser uma pessoa fiel, deve ser assíduo às reuniões da Igreja, deve ser fiel dizimista.

5.6 Funções do tesoureiro - Receber o dinheiro vindo de várias fontes, distribuindo-o entre os diversos fins, de acordo com o estipulado pela Igreja; Liderar a elaboração do plano financeiro da Igreja; Ter

sempre em mãos o material para fornecer aos novos membros da Igreja: cartões e envelopes de dízimo e de contribuição, liderar campanhas de mordomias lançada pela Igreja; manter o livro da tesouraria sempre em ordem; fornecer, a quem solicitar, a declaração de Contribuições, para fins de impostos de renda; depositar nos bancos o dinheiro de dízimos e ofertas; assinar cheques com o pastor ou outra pessoa nomeada para isso na Igreja.

EXERCÍCIOS



1. Qual deve ser a posição do Pastor quanto a sua vida espiritual:

R: _____

2. Quais são os líderes extra bíblicos?

R: _____

3. Quais as qualificações de um Secretário da Igreja?

R: _____

4. Comente algumas funções do Tesoureiro e também o motivo de ser um cargo que as igrejas estão encontrando dificuldade:

R: _____



A Administração Da Igreja (Cont.)

1. A IGREJA, SEUS FUNCIONÁRIOS E A LEI

O funcionamento e o desenvolvimento da Igreja requer certo número de funcionários. Com esses, a Igreja deve ser zelosa no cumprimento das leis trabalhistas e providenciárias a fim que eles gozem de todos os direitos que lhes são garantidos.

Por terem descuidado da observância rigorosa das leis referidas, algumas Igrejas tem sofrido conseqüências danosas para o seu orçamento e para o seu bom nome.

Houve Igrejas, no passado, que não cumpriram, por exemplo, todos os deveres exigidos pela lei com um zelador. Resultado: Quando houve um agastamento entre as partes, a Igreja foi acionada e perdeu na justiça, tendo que vender até os imóveis para fazer face às despesas decorrentes de indenizações trabalhistas, correção monetária, etc.

A Igreja deve então, ao admitir um funcionário, tomar as seguintes providências: Pedir sua carteira profissional e o atestado de sanidade físico-mental, registrá-lo no livro competente, preencher a carteira profissional com o salário que a lei requer, manter sempre em dia os registros no livro competente bem como na carteira profissional, atualizando-os anualmente, no que diz respeito a férias e salários. A carteira profissional não pode ficar em poder do empregador por mais de 48 horas, recolher todas as obrigações trabalhistas e providenciárias, como INSS, FGTS, etc., Conceder férias ao funcionário, que as tirará, quanto a época, de acordo com os interesses da Igreja, ao sair de férias, o funcionário deverá receber seu salário. Mais 30% sobre o mesmo, como estabelece a lei. Pagar o 13º salário da seguinte forma: até 30 de novembro, a 1ª parcela, e a 2ª até 20 de dezembro.

2. ASSEMBLÉIAS DA IGREJA

Chamam-se assembléias reuniões em que os crentes deliberam a respeito de seus trabalhos. As assembléias podem ser regulares e extraordinárias. Regulares são aquelas que se realizam nos dias já estabelecidos com antecedência, e extraordinárias, aquelas que se realizam conforme necessidades circunstanciais, para tratar de algum assunto, que pela sua urgência, não pode esperar a assembléia regular.

Igrejas há que tem duas assembléias regulares: as de negócios e as espirituais. Naquelas são tratadas todos os assuntos referentes a finanças, problemas, etc. e nestas, só profissão de fé e admissão de membros.

2.1 Preliminares - O sucesso das assembléias depende não só da maneira de dirigi-las, mas do preparo anterior. O pastor que gosta que tudo seja bem preparado e corra bem não irá para uma assembléia sem antes conhecer os assuntos que serão levantados na assembléia. Ao serem levados ao plenário, tais assuntos já estarão “mastigados”. Alguns planos do pastor que poderiam causar problemas ou que não seriam facilmente resolvidos e entendidos se tiverem sido apresentados na reunião de obreiros anterior.

2.2 Agenda - As assembléias da Igreja devem ser sempre anunciadas, ou do púlpito, ou por boletim, ou por outro meio. Logo que for convocada uma assembléia o moderador, que, na maioria das vezes, é o pastor, deve preparar uma agenda dos trabalhos. Nela podem constar os seguintes pontos: 1. Devocional: hino, leitura de um texto bíblico apropriado, oração, Abertura: declaração de que não havendo impedimento, a assembléia se acha aberta, leitura da agenda, inclusão de algum outro item, expediente: leitura da ata anterior, leitura da correspondência chegada, movimento de membros (pedidos e chegadas de cartas de transferência, reconciliações, etc.), relatórios: financeiro da Igreja, financeiro das organizações, informações: Dos trabalhos e atividades, profissão de fé, assuntos gerais, encerramento.

2.3 A técnica para a recondução dos trabalhos - 1. O moderador deverá conhecer as regras parlamentares, afim de conduzir com sabedoria os trabalhos da assembléia. 2. Antes de submeter uma proposta a votação, deve-se enunciá-la com muita clareza, para que os membros não fiquem confuso na hora de votar. 3. Quando se notar que algum assunto merece ser mais elaborado, esse deve ser encaminhado com argúcia e entregue a uma comissão. 4. Antes de se lançar algum assunto para apreciação do plenário, é recomendável fazê-lo preceder de algumas considerações. Isto não só poupa tempo gasto em discussões estéreis, como evita talvez, problemas futuros.

2.4 Modelo de ata - Ata nº ... da assembléia regular da Igreja ..., sita na Rua ... nº ..., realizada no dia ... do mês de ... de ... abertura – às ...h é iniciada a reunião, sob a presidência do pastor ... que faz a leitura do Salmo ... e convida o irmão ..., para orar a Deus em favor da reunião. Ordem do dia – O pastor apresenta a ordem do dia e pergunta se há algum outro assunto de interesse da Igreja que se deseja incluir na pausa dos trabalhos. Ata anterior – É lida a ata anterior, de nº ..., da sessão realizada no dia ..., que foi aprovada com as seguintes emendas: ... Expediente – Foram lidas as cartas ... Relatórios financeiros ... Relatórios sociais e evangelísticos ... Disciplina – A Igreja nomeou ... Profissão de fé – Apresentaram a profissão de fé dos seguintes candidatos: ..., est. Civil ..., nacion. ..., com ... anos, sabe e escrever, reside na rua ... nº ..., nesta cidade ... Ambos candidatos, depois de argüidos pelo pastor sobre sua fé em Cristo, foram aceitos pela Igreja, para serem batizados na 1ª oportunidade. Carta demissória da Igreja ..., no estado do Rio, para esta Igreja, a irmã ..., Por proposto e apoiado foram atendidos esses dois pedidos. Novos planos – O pastor expôs os seguintes planos: ..., Encerramento – Não havendo mais a tratar, foi a sessão encerrada às ... com uma oração pelo irmão ... Eu, primeiro – secretário, lavrei a presente ata, que vai por mim assinada e pelo pastor. 1º secretário: ... Pastor: ... Rio de Janeiro ... de ... de ...

3. A IGREJA E SEUS DEPARTAMENTOS

Desde os primórdios, a Igreja tem sido e será a mesma. No entanto, os métodos de trabalho, a maneira de se desenvolver o seu programa de evangelismo, de educação cristã, o programa de ação social, ou outros quaisquer alvos que ela tenha para seus membros e para a comunidade em que está inserida, dependem de suas próprias necessidades e de seus próprios objetivos. Partindo desta afirmativa, cada Igreja deve, frente à sua própria realidade, elaborar seu programa de ação e maneira de como vai desenvolvê-lo.

Como sugestão, damos a seguir o exemplo de uma Igreja, de porte médio, administrada através de departamentos. Essa estrutura tem por objetivo dividir tarefas e impulsionar o trabalho. Quanto mais pessoas estiverem envolvidas na execução do programa para a Igreja, tanto mais atuante será esta Igreja.

1. Departamento de Educação religiosa: É para os membros, mas também procurando atingir a comunidade, **2. Departamento de evangelismo:** pode ser pessoal ou em grupo procurando a buscar as pessoas que ainda não aceitaram a Jesus, **3. Departamento de Assistência Médico Social:** necessidades sociais dos membros e da comunidade, **4. Departamento de música:** tudo o que se refere a música, **5. Departamento de finanças:** orçamento anual de toda a Igreja, **6. Departamento de assistência jurídica:** questões jurídicas, **7. Departamento de introdutores:** recepção dos visitantes, **8. Departamento de comunicação:** rádio, e-mails, correspondências, etc., **9. Departamento de relações públicas:** em ocasiões especiais receber os visitantes, **10. Departamento de história:** arquivo, registro e atas, **11. Departamento de ornamentação:** ornamentação do santuário, **12. Departamento da zeladoria:** conservação e limpeza, **13. Departamento de patrimônio:** Conservação de toda a construção, **14. Departamento de construção:** *almoxarifado:* guarda suprimento e controle de todo material; *viaturas:* manutenção e locomoção; *cantina:* coordena e fiscaliza a cantina.

4. A IGREJA E A INTEGRAÇÃO

Como agência de Deus que é a Igreja deve procurar utilizar-se de todos os meios lícitos e psicológicos para atrair os homens ao evangelho. Citamos, a seguir, recursos de que uma Igreja pode dispor para atrair pessoas a Cristo:

4.1 Porteiros - À porta do templo devem ficar os introdutores (Porteiros), ou recepcionistas, pessoas de fino trato, simpáticas, que, com muito jeito, encaminharão aos lugares próprios as pessoas interessadas em assistir ao culto.

A função do introdutor é espinhosa, bem o reconhecemos. Mas é necessária e utilíssima. Aqueles que foram escolhidos para desempenhar tal função devem estar cômicos da responsabilidade do cargo.

Somente uma pessoa que irradie simpatia, que denote alegria, que seja acessível, bem humorada, cortês, poderá dar a esta função o brilho que ela merece. O introdutor é aquela pessoa, recebendo com agrado aqueles que chegam ao templo, convidados ou espontaneamente, lhe proporciona um ambiente acolhedor, a fim de que possam ouvir tranqüila e agradavelmente a Palavra de Deus.

Há Igreja onde tem ocorrido que pessoas que não preenchem estes requisitos, atuando com introdutores, têm afugentado os ouvintes, no lugar de atraí-los ao templo para visitas.

O introdutor deve ser um crente fiel, zeloso, sensato, pontual, reverente e cheio do desejo de levar almas aos pés de Cristo Jesus.

O número de introdutores depende do tamanho do templo. A Igreja pode eleger uma equipe para atuar nos cultos durante a semana, e outra, nos cultos dominicais. Pode, ainda, nomear nos cultos durante a semana, e outra, nos cultos dominicais. Pode, ainda, nomear um coordenador das equipes, que terá a responsabilidade de elaborar escalas, orientar todo o trabalho dos introdutores e supervisionar sua atuação.

Para serem identificados, os introdutores podem usar determinada roupa, como uma espécie de uniformidade, se assim o desejarem. Um crachá, usado na lapela ou no vestido, pode também identificá-los.

4.2 Saudações aos visitantes - Nem todas as Igrejas usam saudar os visitantes. Em algumas há um momento quando o pastor lhes dá boas vindas. Os diáconos, que já estarão de posse de cartões próprios e lápis, se aproximam das alas, buscando os lugares onde os visitantes a pedido do pastor estarão de pé. Nesse momento, os diáconos, ou outras pessoas para isso designadas. Entregará-lhe o cartão, onde eles deverão colocar o nome, endereço, religião, etc.

Recolhidas à porta do templo, após o culto, essas fichas, preenchidas pelos visitantes, deverão ser usadas para o envio de cartas e para visitaçào, o que pode servir de estímulo ao seu retorno à Igreja. Esse é mais um meio eficaz de alcançar com o evangelho aqueles que, então, já terão ouvido a mensagem de Cristo.

4.3 Modelo de ficha do visitante - Uma ficha do visitante, além de ser mais uma forma de alcançar as pessoas não crentes, pode tornar marcante o dia sua visita à Igreja. A ficha pode, fora as informações que serão dadas pelo próprio visitante, conter uma saudação, da parte da Igreja, textos bíblicos que sirvam para evangelização dos não crentes e informações sobre os horários dos trabalhos semanais realizados pela Igreja.

Igreja
Nome do visitante
Nome: sexo: M () F ()
Faixa de idade: Criança () Adolescente () Jovem () Adulto ()
Endereço: Rua: n°:
Ap bairro: tel:
É a primeira vez que nos visita? Sim () Não ()
Você gostaria de receber a nossa visita? Sim () Não ()
Quais seriam os melhores dias para você?
Gostaria de receber uma literatura pelo correio? Sim () Não ()
Tem um motivo especial de oração? Qual?
Obs: Por favor, destaque esta parte e entregue-a ao introdutor, à saída do templo.

Prezado visitante:

Sua visita muito nos alegra. Esperamos que você se sinta à vontade em nosso meio.

Gostaríamos que você pensasse nas seguintes verdades bíblicas:

- 1. Todos nós somos pecadores. “Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus” (Rm 3.23)**
- 2. O pecado nos separa de Deus. “Porque o salário do pecado é a morte, mas o Dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus nosso Senhor” (Rm 6.23)**
- 3. A única solução para o problema do pecado é Jesus. “Levando ele os nossos pecados, em seu corpo sobre o madeiro, para que, mortos pelo pecado, pudéssemos viver para a justiça; e pelas suas feridas fostes sarados.” (I Pd 2.24).**
- 4. “Para alcançar a SALVAÇÃO, você precisa arrepender-se dos seus pecados, crer em Jesus Cristo para a remissão de vossos pecados” (At 2.38).**

4.4 Cumprimento à saída do templo - Um dos grandes cuidados de muitos pastores é o de cumprimentar os crentes e visitantes na porta, à saída do templo, na hora em que termina o culto. Em assim fazendo, o pastor tem oportunidade de defrontar-se pessoalmente com o visitante e lhe poderá dirigir uma palavra de encorajamento, para que volte outras vezes, pois a Igreja, ele dirá, se alegrou muito com sua visita.

Com o pastor, podem ficar à outras pessoas, cumprimentando-se os irmãos e os visitantes. Esse costume mostra a hospitalidade e a fraternidade existentes entre os crentes.

4.5 Assistência aos decididos - Devem ser alvo de atenção da Igreja, demonstração de interesse e assistência as pessoas que fazem decisão ao lado de Cristo Jesus. O novo convertido precisa de oração, de uma palavra de estímulo e encorajamento, de incentivo espiritual, de orientação a respeito do plano da salvação e de mensagem que o levou a tomar aquela decisão.

Visitas, cartas, da parte da Igreja, estimularão e incentivarão o novo convertido a manter a chama do primeiro amor.

4.6 Profissão de fé - É a declaração que alguém faz de suas opiniões, crenças, etc. A profissão de fé deve ser pública.

4.7 Como deve ser encaminhada a profissão de fé? - A Igreja abrirá uma sessão para a profissão de fé. O pastor deverá Ter a boa vontade e simpatia para procurar deixar o candidato bem a vontade. Não é o exame que vai dizer a sua crença. Suas experiências é que falarão alto. Por isso, o moderador procurará, aos poucos, ir penetrando em pontos básicos que poderão demonstrar a experiência religiosa do candidato.

4.8 O que perguntar? - As perguntas devem ser simples. Sua conversão, comportamento, Uso do tempo, dos talentos, da influência, do dízimo e freqüência a todos os trabalhos da Igreja.

5. A IGREJA E SUAS FINANÇAS

5.1 Orçamento da Igreja - O programa e o trabalho da Igreja estão diretamente ligados ao seu orçamento. Há Igrejas que não tem feito um orçamento, nem sabem o que é isto. Por isso mesmo não apresentam um programa eficiente para o cumprimento do mandamento de Jesus que se acha em At 1.8 – “Mas recebereis, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da Terra”.

5.2 O Orçamento É O Espelho da Igreja - O Orçamento não indica simplesmente os planos e desejos da Igreja, mas também a dedicação da Igreja.

Mordomia Cristã é a regra que usamos para medir nossa dedicação.

5.3 O Orçamento é uma Missão da Igreja- Deus é acessível a todos. O pastor os líderes oferecem oportunidades pelas quais se torna mais fácil o contato com Deus. O pastor pode orar em favor dos membros de sua Igreja, mas não em lugar deles. O pastor pode dirigir o culto, mas não cultuar a Deus pelos crentes. O seu testemunho não substitui o do povo da sua congregação. O seu serviço não desobriga os membros de sua parte de seu trabalho do Mestre. Não pense qualquer crente que a contribuição do dízimo o alivia de suas responsabilidades perante Deus e a Igreja. A responsabilidade começa com a salvação de nossas almas e só terminará depois da salvação da última alma do mundo. Organizando o orçamento da Igreja, suprimindo todas as mordomias da Igreja, ela cumprirá o seu dever de evangelização de todos os povos.

5.4 O orçamento e a responsabilidade pessoal - Cada membro tem a responsabilidade de cooperar para atingir o alvo orçado, porque este representa o programa da Igreja. Torna-se um desafio para todos, e cada membro deve apoiá-lo e sustentá-lo, fiel e regularmente, enquanto ele estiver em vigor.

5.5 Modelo de um orçamento

1. Programa missionário: Plano cooperativo, contribuição para a associação, Congregação da Igreja, salários dos obreiros, aluguel, zeladoria, luz, água, etc.

2. Programa da Igreja: Sustento de obreiros: pastor (salário, aluguel, aposentadoria), auxiliar do pastor: (Salário, aluguel, etc.)

3. Organizações internas: Escola bíblica Dominical (literatura, escola bíblica de férias, instituições), Escola de treinamento de jovens (Literatura, cursos, sociedade, sociabilidade), União feminina, música, etc.

4. Despesas gerais: Boletim, jornal, propaganda, escritório, correio, biblioteca, bolsas para obreiros, etc.

5. Evangelismo: concentrações, conferências, etc.

6. Atividades especiais: estudos, festas, etc.

7. Patrimônio: Manutenção (água, luz, telefone, gás, impostos, zeladoria, batismo, coro, escritório, etc.).

8. Pagamento de dívidas: Templo, casa pastoral, reformas, etc.

6. A IGREJA E O EVANGELISMO

Igrejas há em que estão batizando muito pouco durante o ano. A percentagem é diminutiva, irrisória.

Qual o problema? O problema numa Igreja pode ser assim resumido: 1. Perda de amor as almas, 2. Mundanismo, 3. Aceitação de idéias ecumênicas, 4. Falta de métodos na evangelização, 5. Tolerância para com o pecado, 6. Falta de fé.

As Igrejas mais alegres e abundantes em obras, são mais fortes e mantêm acesa a chama do evangelismo. Algumas Igrejas só cuidam de evangelizar em ocasião de festas. Uma Igreja viva é a que vibra com o evangelho durante todo o ano

6.1 Qual o dever da Igreja? - Estimular cada crente a se tornar um ganhador de almas, Mostrar a cada crente a sua responsabilidade, Apresentar aos crentes os exemplos dos crentes primitivos, Ter amor às almas perdidas, Ter ousadia.

Mais sobre este assunto estudaremos em nossa matéria sobre Missiologia (IBS)

7. A IGREJA E AS REGRAS PARLAMENTARES

7.1 O que é a bandeira? - O lar onde nascemos, o canto da terra onde crescemos, o primeiro sorriso da criança, o primeiro amor do moço, a mãe que nos acalenta, o pai que repreende, o primeiro amigo, a primeira lágrima, as esperanças, os sonhos, as quimeras, a saudade; todas estas alegrias, todas, reunidas em um só termo, em um só nome, de todos mais belo – Pátria.

É a honra de um batalhão; é a consciência dos bravos que, levando-a a drapejar acima de suas cabeças, vão defrontar com a morte; é o dever, no que tem mais severo e de mais altivo, representado pelo que possui de mais nobre: uma idéia flutuando no estandarte.

7.2 O uso da Bandeira Brasileira - O Decreto Lei n.º 4.545, de 31 de julho de 1942, determina o seguinte sobre o modo de usar a Bandeira nacional:

a) Modo irregular: mau estado de conservação, como ornamentação em casas de diversões ou em qualquer ato que não se revista de caráter oficial, como reposteiro ou pano de boca, revestimento de tribuna, cobertura de placas, painéis ou retratos que se inauguram, cobertura de estátuas, monumentos ou hermas que se inauguram, como acréscimo de qualquer indicações.

b) Quanto à condução e ao hasteamento da Bandeira Nacional: Em janelas, porta ou sacada, sempre ao centro, ficará a direita se acompanhada da Bandeira de outra nação ou estadual, ficará no centro se acompanhada de número par, acompanhada de número ímpar, ficará próxima ao centro e a direita, sempre colocada horizontalmente e nunca vertical, deve ser hasteada de sol a sol, a noite bem iluminada, Nas reuniões, conferências e solenidades, será estendida ao longo da parede, detrás das cadeiras da mesa da presidência, Nos desfiles ou qualquer coisa parecida deve ser conduzida por uma só pessoa, hasteada, nunca estendida.

c) O uso do hino nacional: Artigo 18: Será sempre executado em andamento metrônomo de uma semínima igual a 120. É obrigado a tonalidade si bemol para execução instrumental simples. Far-se-á canto sempre em uníssono. No caso simples será sempre integral sem repetição, no caso de execução vocal, serão sempre cantadas as duas partes do poema.

d) Artigo 19: será executado em: Continência a Bandeira Nacional e ao presidente da República, ao Congresso Nacional e ao supremo Tribunal Federal, quando incorporados; e nos demais casos expressamente determinados pelos regulamentos de continência ou cerimônia de cortesias internacionais. Em caso de hasteamento da Bandeira, estabelecimentos públicos ou particulares, pelo menos uma vez por semana.

8. A IGREJA E AS LEIS

A Igreja como pessoa jurídica: De acordo com a lei, todas as entidades religiosas, podem exercer suas atividades, são obrigadas a se tornarem pessoas jurídicas, a fim que sejam reconhecidas pela lei e tenham sua existência legal.

O Estatuto: É um instrumento escrito que corporifica todos os princípios pelos quais a Igreja governa ou regula seus atos.

O Regimento Interno: A Igreja estabelece para efeitos aos princípios corporativos no estatuto.

Vantagens do uso do Estatuto: conduzir negócios, soluções de problemas, define áreas de responsabilidade, oferece modo de ordem, uniformidade do governo eclesiástico.

Como elaborar um Estatuto: A comissão é nomeada pela Igreja, deve ser aprovado pela Igreja, e depois ele deve ser registrado.

Nota: Após ser aprovado pela Igreja, o estatuto deve ser publicado no Diário oficial, no todo ou apenas o extrato.

9. A IGREJA E A DECLARAÇÃO DO IMPOSTO DE RENDA

As Igrejas são isentas do pagamento de imposto de renda. Embora gozem desta imunidade, estão obrigadas, no entanto, a prestar declaração. O formulário II, da Delegacia de Renda, é preparada, especialmente, para as entidades jurídicas que gozem de isenção. Ao preencher o formulário II, a Igreja estará cooperando com o governo, além de cumprir o dever. Em seguida, transcrevemos a Instrução Normativa que orienta a todos como proceder: “O secretário da Receita federal, no uso de suas atribuições, tendo em vista a necessidade de disciplinar o cumprimento de obrigações acessórias por parte dos templos de qualquer culto e de instituições de educação ou de assistência social, esclarece: I – As entidades de natureza religiosa, que tem personalidade jurídica, estão obrigadas a inscrever-se no Cadastro Geral de Contribuintes, e a observarem as demais disposições que regulam o assunto. II – As entidades referidas no item anterior, mesmo as não alcançadas pela tributação, estão sujeitas a apresentar declaração anual de rendimentos. III – A imunidade tributária das instituições de educação ou de assistência social está condicionada à observância, pelas mencionadas entidades, dos seguintes requisitos: *Não distribuírem qualquer parcela do seu patrimônio ou de suas rendas, a título de lucro ou participação no seu resultado; aplicarem integralmente, no país, os seus recursos na manutenção dos seus objetivos institucionais; manterem escrituração de sua receitas e despesas em livros revestidos de formalidades capazes de assegurar sua exatidão; prestarem serviços*

diretamente relacionados com seus objetivos institucionais previstos nos respectivos estatutos ou atos constitutivos. IV – A imunidade tributária das entidades referidas no item anterior pode ser suspensa pela autoridade que reconhecer, nos casos de: *omissão na prática da lei e a que são obrigadas, assecuratórios do cumprimento de obrigações tributárias de terceiros, como, por exemplo, a retenção na fonte de imposto de renda em razão de rendimentos pagos ou creditados.* V – Independe de reconhecimento de autoridade fazendária a imunidade tributária dos templos de qualquer culto.

10. A IGREJA E A INSTITUIÇÃO DO PASTOR NO INSS

O pastor, consoante a lei 6.696, de 8 de outubro de 1979, deve inscrever-se no INSS como pastor contribuinte autônomo. Para atingir tal fim, ele poderá preencher os seguintes requisitos: *Apresentar-se à agência do INSS munido de sua Carteira de Identidade; Entregar à autoridade superior o atestado ou a Declaração do Exercício do Pastorado.* A Declaração do Exercício do Pastorado pode ser fornecida pelo presidente da Ordem dos pastores do Brasil ou pela seção, ou, ainda, pela própria Igreja. O papel da Igreja deve ser timbrado. A declaração pode ser dada no seguinte teor: “A Igreja ..., entidade religiosa, sediada nesta cidade, na Rua ..., vem, pela presente, declarar, para fins de prova no Instituto Nacional da Seguridade Social, que o Pastor ..., (nacionalidade), (est. Civil), residente nesta cidade, EXERCE o pastorado desta Igreja desde o dia ..., estando, nesta data, em exercício de suas funções”. Local e data. Assinatura do 1º secretário, colocando o endereço de residência sob o nome.

11. A IGREJA E O CASAMENTO COM EFEITOS CIVIS

A lei rege a matéria. De acordo com a lei n.º 1.110, de 23 de maio de 1950, no seu 2º artigo, os noivos deverão Ter uma habilitação e a cerimônia só será feita com os efeitos civis. O livro de registro de casamento. Cada Igreja deverá Ter um livro que serão registrados os casamentos efetuados no templo. A ata do termo do casamento. Aprendemos o seguinte modelo: No dia ... de ... do ano de ..., às ... h, no templo da Igreja ... sita na rua ..., compareceram os irmãos em nosso Senhor Jesus Cristo ..., ele (profissão, est. Civil, naturalidade, data de nasc., residência), filho de (nome, profissão, est., civil, residência); ela que passará que passará a assinar-se, depois de casada, ... (profissão, est. Civil, naturalidade, data de nasc. Residência), filha de (nome, profissão, est., civil, residência) e (nome, profissão, est. civil, nat., residência); aí, na presença das testemunhas especiais (dar os nome), receberam a bênção de Deus sobre seu matrimônio, impetrada pelo ministro evangélico Pastor ... da Igreja O ato religioso cerimonial, que foi presenciado por um grande número de irmãos e amigos dos noivos, obedeceu ao ritual das Igrejas evangélicas. Os nubentes apresentaram a certidão de habilitação para o casamento expedida pelo oficial do Registro civil da ... Circunscrição, ... Zona, freguesia de ... Para constar foi lavrado o presente termo pelo (a) Sr. (a) ..., na qualidade de secretário da Igreja e é pelo mesmo assinado, pelo ministro oficiante, pelos noivos e as testemunhas. (data e assinaturas).

11.1 Certidão de Casamento efetuada - O ministro oficiante deve oferecer aos noivos uma certidão de casamento efetuada, a qual será levada ao Cartório em que foram processados os papéis para ser registrada. Modelo: “O pastor ..., Ministro Eclesiástico do Culto Protestante, em exercício pastoral na Igreja ..., Certifica que, no dia ... de ... de ..., às ...h, no templo ..., sito na rua ..., perante ele e na presença das testemunhas ..., foi celebrado o casamento, pelo regime de ..., de ... e ..., ele (nat., nasc. Est. Civil, profissão, data de nasc., residência) filho de (nome, nat., etc.) e de (nome, nat. etc.); ela, que passará a chamar-se ... (nat., nasc., est. Civil, profissão, data de nasc.), filha de ... (nat., etc.) e ... (nat., etc). Os nubentes exibiram os documentos exigidos pelo art. 180 do Código Civil Brasileiro. De acordo com a lei n.º 1110, de 23 de maio de 1950, os nubentes apresentaram a Certidão de habilitação para o casamento expedida pelo oficial do Registro Civil da Circunscrição, ... Zona, freguesia de ... Serviram como testemunhas ... (nasc, etc.) e ... (nasc., etc.)” data ... Assinatura do ministro celebrante ... firma reconhecida.

12. LEIS QUE DEVEM SER CONHECIDAS POR TODOS

Art. 3.º - Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: IV – Promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

Art. 5.º - todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, assegurada aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à igualdade, à segurança, à propriedade, nos termos seguintes:

12.1 Liberdade de culto – VI- É inviolável a liberdade de consciência e de crença, assegurado o exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, proteção aos locais de cultos e as suas liturgias;

12.2 Entrada em hospitais e presídios – VII- É assegurada, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva:

Assegurados os direitos de todos – VIII – Ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei;

XVI - Todos podem reunir-se pacificamente, sem armas, em locais abertos ao público, independentemente de autorização, desde que não frustrem outra reunião anteriormente convocada para o mesmo local, sendo apenas exigido prévio aviso à autoridade competente.

XLI - A lei punirá qualquer discriminação atentatória dos direitos e liberdades fundamentais.

12.3 Impostos e Contribuições – Art. 19 – à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios é vedado: I – estabelecer cultos religiosos ou Igrejas, subvencioná-las, embaraçar-lhes o exercício ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público.

Art.156 – Sem prejuízo de outras garantias asseguradas ao contribuinte, é vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos municípios: IV – Instituir impostos sobre: Templos de qualquer culto; Art. 211 – O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: VI – matrícula facultativa no ensino religioso, que constituirá disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental; Art. 216 – Os recursos públicos serão destinados às escolas públicas, podendo ser dirigido às escolas comunitárias, confessionais ou filantrópicas, definidas em lei, que: I – Comprovem finalidade não lucrativa e apliquem seus excedentes financeiros em educação; II – Assegurem de seu patrimônio a outra escola comunitária, filantrópica ou confessional, ou ao Poder Público, no caso de encerramento de suas atividades.

Família – Art. 226 – A família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado. Parágrafo 2.º - O casamento religioso tem efeito civil, nos termos da lei.

13. FORMULÁRIO ECLESIAÍSTICO

Os que militam no foro estão, de quando em quando, compulsando o formulário civil. Os que trabalham em repartições que exigem conhecimento de redação oficial possuem o manual de redação oficial. Poderíamos citar outros exemplos, mas estes bastam para mostrar que há necessidade de formulários para requerimentos, petições, notificações nos vários setores da vida pública.

13.1 Carta de Transferência – Da Igreja ... À Igreja ... Esta carta certifica que ... ligado a esta Igreja em ... de ... de ..., a seu pedido, em sessão administrativa realizada no dia ... de ... de ..., foi desligado da nossa comunhão, para unir-se à Igreja acima citada. A fim de facilitar a sua integração como membro dessa co-irmã, oferecemos as seguintes informações sobre a atuação em nosso meio: Frequência dizimista ... etc. Cargos que ocupou e serviços prestados. Data, assinatura do secretário e do pastor. OBS. Esta carta deve ser preparada em papel timbrado da Igreja.

13.2 Carta de notificação – Da Igreja ... à Igreja ... Comunicamos que, em sessão administrativa, no dia ... de ... de ..., foi recebido como membro desta Igreja o irmão ... data e assinatura do secretário e do pastor.

13.3 Carta de recomendação – Esta carta é dada àqueles membros da Igreja que ausentando-se por determinado período, necessitam de recomendação e reconhecimento como bons crentes, nos lugares por onde passarem. _____, _____ de _____ de _____. O portador desta carta é o irmão ... membro em plena comunhão com esta Igreja, ... Com prazer recomendamos à confiança e fraternidade das Igrejas coirmãs por onde quer que o Senhor o conduzir. Assinatura do Pastor.

13.4 Requerimento do registro civil – Ex.mo. Sr. Dr. Juiz(nome do noivo e da noiva) vêm para devidos fins, tendo de celebrar o seu casamento no dia ... de ... de ..., na localidade de ..., anexar a prova do ato religioso e os documentos exigidos pelo Art. 180 do Código Civil e requerer a respectiva inscrição, de acordo com o art. 4 da lei 1.110, de 23 de maio de 1950, processada a habilitação dos requerentes e publicados os editais na conformidade da lei. P. Deferimento. Data, assinatura do noivo e da noiva.

13.5 Requerimento de isenção de Impostos – Ex.mo. Sr. Prefeito Municipal: Nome, nacionalidade, estado civil, pastor, inscrito na Ordem de ministros do Brasil, Sessão do Estado n.º ..., representando a Igreja ..., situada à rua ...vem, mui respeitosamente, requerer que V. Ex.^a. se digne a cancelar a dívida de imposto predial que a ela foi atribuída, em virtude de a Constituição Federal, no art. 20, letra b, isentar de impostos “templos de qualquer culto”. N. Termos, P. Deferimentos, data, assinatura do pastor.

13.6 Modelo de procuração – Pelo presente instrumento de procuração, por mim feito e assinado, eu (nome, nacionalidade, estado civil, profissão), residente na rua ... por este documento nomeia e constitui seu bastante procurador, nesta cidade o Sr. (nome, estado civil, nacionalidade, profissão), residente à rua ..., para o fim de ... (especificar os poderes concedidos: representação perante órgãos do governo, receber e apresentar documentos, assinar papéis e documentos, preencher formulários, fazer declarações e justificativas, etc.), data, assinatura.



1. O que são as Assembléias da Igreja e como podem ser classificadas?

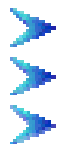
R: _____

2. Qual deve ser a posição da Igreja quanto a Declaração do Imposto de Renda?

R: _____

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

(Usadas para consulta com o devido acato às Leis Autorais)



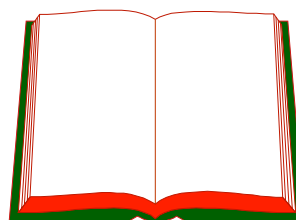
O Pregador, Dr. Shepard

O Pastor, Dr. Manoel Avelino de Souza

A Doutrina Bíblica do Ministério, A.R. Crabtree

Currículo do Curso Básico - IBS

- 01- BIBLIOLOGIA
- 02- ESCATOLOGIA
- 03- ADM. ECLESIASTICA
- 04- TEOLOGIA PRÁTICA
- 05- HERMENÊUTICA
- 06- O ESPÍRITO SANTO
- 07- ESCOLA DOMINICAL
- 08- HISTÓRIA DA IGREJA
- 09- OS ANJOS E O HOMEM
- 10- HOMILÉTICA
- 11- OS QUATRO EVANGELHOS
- 12- HISTÓRIA DE ISRAEL
- 13- SOTERIOLOGIA
- 14- DOCTRINAS BÍBLICAS



- 15- HERESIOLOGIA
- 16- MISSIOLOGIA
- 17- ÉTICA CRISTÃ
- 18- PENTATEUCO
- 19- TEOLOGIA MINISTERIAL
- 20- PROFETAS MAIORES E MENORES
- 21- LIVROS POÉTICOS
- 22- FAMÍLIA CRISTÃ
- 23- A DOCTRINA DE DEUS
- 24- EPÍSTOLAS